

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**  
**IFTDJ – Curso de Filosofia**

**Fábio Tadeu Câmara dos Santos**

**A GNOSE DESVELADA:**  
**um estudo sobre os Apócrifos, as heresias e o gnosticismo**

Belo Horizonte

2015

**Fábio Tadeu Câmara dos Santos**

**A GNOSE DESVELADA:  
um estudo sobre os Apócrifos cristãos, as heresias e o gnosticismo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito a obtenção do grau Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Márcio Starling

Área de concentração: Ética II

Belo Horizonte

2015

*Ao meu professor e orientador pelo incentivo  
e aos meus amigos e familiares,  
fonte de inspiração*

## **AGRADECIMENTOS**

*Ao meu professor e orientador Doutor Roberto Márcio Starling, que tornou possível a realização deste trabalho.*

*Aos meus colegas de turma e amigos pelo o incentivo.*

*À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais por permitir o meu livre acesso às suas dependências durante o desenvolvimento deste trabalho.*

*A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta monografia.*

καὶ γνώσεσθε τὴν ἀλήθειαν, καὶ ἡ ἀλήθεια  
ἐλευθερώσει ὑμᾶς. [e conhecereis a verdade, e a verda-  
de vos libertará]. (Jo 8, 32).

## RESUMO

Este trabalho consiste no estudo dos escritos apócrifos do Novo Testamento, das heresias e do gnosticismo. Nosso foco principal é expor um breve conhecimento sobre esses três conceitos levando em conta os seus aspectos religiosos e filosóficos, a fim de trazer esses temas para a atualidade mostrando a importância deles na construção do pensamento ético e moral do ser humano. Mostraremos os motivos que levaram os textos apócrifos cristãos a ficarem de fora do cânone bíblico, bem como o comportamento dos primeiros Pais da Igreja com relação aos hereges. Trataremos da questão polêmica quanto à “falsa autoria” e o “falso conteúdo” das obras gnósticas expondo a posição dos acadêmicos com relação ao tema. Sobre o gnosticismo, falaremos a respeito de sua suposta origem, veremos o que é *gnosis* e quais os meios de com ela alguns acreditam atingir a salvação. Por fim, apresentaremos o impacto que o fenômeno gnóstico, místico e esotérico provocou na mente de grandes pensadores e intelectuais da modernidade e contemporaneidade, o que nos demonstra a importância do tema.

Palavras-chave: Apócrifos, Heresias, Gnosticismo, Igreja, Cristianismo, Filosofia.

## **ABSTRACT**

This work is the study of the apocryphal writings of the New Testament, of heresies and Gnosticism. Our main focus is to present a brief knowledge about these three concepts taking into account their religious and philosophical aspects, in order to bring these issues to the present showing their importance in the construction of ethical thought and moral human being. We show the reasons the apocryphal Christians to remain outside the biblical canon, as well as the behavior of the early Church Fathers regarding the heretics. We will address the controversial issue about the “false authorship” and “false content” of Gnostic works exposing the position of scholars on the issue. About Gnosticism, will talk about their supposed origin, we will see what is gnosis and what means of her some believe attain salvation. Finally, we will present, as a final point, the impact that the Gnostic phenomenon caused in the minds of great thinkers and intellectuals of modernity and contemporary, which shows us the relevance and importance of the theme.

Keywords: Apocrypha, Heresies, Gnosticism, Church, Christianity, Philosophy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 SOBRE OS APÓCRIFOS CRISTÃOS E AS HERESIAS .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Por que os textos apócrifos cristãos não entraram no cânone?.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 Falso conteúdo e falsa autoria: a posição dos acadêmicos com relação a autoridade apostólica dos escritos apócrifos.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 Contra as heresias: a atitude dos Pais da Igreja para com os hereges .....</b>	<b>22</b>
<b>3 GNOSIS E GNOSTICISMO .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 O surgimento do gnosticismo .....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 A salvação pela <i>gnosis</i> .....</b>	<b>33</b>
<b>3.3 O renascimento do interesse pelo gnosticismo na modernidade e contemporaneidade.....</b>	<b>38</b>
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Além dos *Quatro Evangelhos*, do *Livro de Atos*, das *Cartas de Paulo*, das *Epístolas gerais* e do *Livro de Apocalipse* existem outros tantos escritos antigos sobre Jesus que não foram incluídas no cânone do Novo Testamento. O principal motivo para esta exclusão foi por que eles não foram reconhecidos como sendo relatos legítimos, autênticos e originais. Os primeiros Pais da Igreja alegavam que a mensagem escondida por detrás desses livros não estaria de acordo com o ensinamento oficial e, por isso, deveriam ser banidos das mãos dos fiéis, pois eles contaminariam a mente daqueles que professavam a fé verdadeira em Jesus Cristo. Foram, assim, tachados de falsos escritos, blasfemos, ilegais e de não provirem de inspiração Divina. Ainda hoje muitos acreditam que tais escritos distorcem tudo aquilo que Jesus teria dito a seus apóstolos e discípulos.

Sabe-se que a formação do cânone cristão não se deu de forma homogênea nos primeiros séculos de nossa era. Vários grupos de cristãos se debatiam sobre quais deveriam ser os verdadeiros ensinamentos deixados pelo Cristo. Dentre esses grupos, uns saíram vencedores e outros acabaram sendo rejeitados e banidos pelos seus rivais, justamente por que aquilo que eles ensinavam viria a se contrapor às certezas da fé do cânone sagrado. Logo, a doutrina proferida por esses grupos de cristãos “perdedores” eram, na visão dos “vencedores”<sup>1</sup>, incompatível com o pensamento original e verdadeiro da revelação de Deus que trazia uma visão distorcida de Jesus e de sua doutrina deixada pelos apóstolos.

O objetivo principal do nosso estudo consiste em examinar um pouco dessa rivalidade e ao mesmo tempo expor brevemente o conhecimento da doutrina deixada por esses grupos de cristãos “perdedores”. Para tanto, no capítulo 2, faremos uma pequena introdução aos escritos apócrifos do Novo Testamento e, em seguida (2.1), examinaremos por que os livros apócrifos do Novo Testamento ficaram de fora do cânone bíblico. No segundo tópico (2.2) mostraremos os esforços dos líderes da Igreja em tentar refutar os hereges em prol da defesa de seus ideais de fé e, por último (2.3), veremos a posição dos acadêmicos quanto a veracidade e autenticidade dos Evangelhos Apócrifos. No terceiro capítulo faremos uma abordagem sobre o gnosticismo, seu significado e sua suposta origem (3.1), da *gnosis* enquanto proposta de salvação (3.2) e, finalmente (3.3), da influência que grandes pensadores e intelectuais da modernidade e contemporaneidade tiveram sobre o fenômeno gnóstico.

---

<sup>1</sup> Referência a Walter Benjamin à história dos vencidos e dos vendedores.

## 2 SOBRE OS APÓCRIFOS CRISTÃOS E AS HERESIAS

Quando alguém ouve falar em “apócrifo” e “heresia” logo associa a esses dois termos algo de falso, negativo, rejeitado, ideias contrárias à doutrina estabelecida pela Igreja. Tais conceitos são assimilados pelo senso comum que ignora o que eles representam exatamente, servindo-se deles apenas como um meio de contrapô-los ao ideal tradicional de fé, o que gera falta de interesse pelo estudo profundo do assunto. Mas, felizmente, há pessoas que ainda se interessam por esses temas.

Mesmo impregnados de pré-conceitos e discriminações, o estudo dos apócrifos e das heresias cristãs cresce a cada dia (embora ainda pouco difundido no Brasil) e são abordados em diversas áreas do conhecimento. Tais temas vêm sendo analisados e discutidos por muitos e hoje se têm chegado à conclusão de que eles são importantes para compreender a origem e o processo de formação do cânone da Igreja e do cristianismo. Talvez por conta do processo de secularização as portas para novas perspectivas sobre esses assuntos se abram. Pensando nisso é que decidimos examinar e investigar esses dois temas com o objetivo de conduzir a uma reflexão sobre aquilo que durante séculos foi ignorado pela elite clerical.

O foco do nosso primeiro estudo será sobre os Apócrifos do Novo Testamento. Com relação ao termo “apócrifo”, comumente se atribui a ele o significado de livros cujo conteúdo e autoria são falsos, inautêntico ou sem autoridade divina. Todavia, do grego ἀπόκρυφον (*apócrifon*) significa literalmente “oculto”, “escondido”, “secreto”. Essa palavra era usada para indicar aquilo que se encontra em segredo. Antigamente os Apócrifos faziam parte de um grupo particular de judeus e cristãos helenistas do primeiro e segundo século. Segundo esse grupo, tais escritos conteriam uma revelação secreta de algo esotérico que exigia do leitor uma iniciação especial para decifrar seu conteúdo. Paulo na *Carta aos Colossenses*, por exemplo, utiliza desse termo para se referir ao pleno entendimento dos mistérios de Deus-Pai e do Cristo, no qual “todos os tesouros da sabedoria (*sophías*) e do conhecimento (*gnóseos*) [estão] ocultos (*apócrifoi*)”<sup>2</sup>. Foi somente mais tarde, com os Pais da Igreja, que esse termo ganhou um sentido pejorativo significando “obras falsamente atribuídas a um personagem bíblico importante”. Já com relação à palavra “heresia” (do grego ἄρεσις) significa literalmente “escolha”.

---

<sup>2</sup> Cl 2, 3. (ARA).

## 2.1 Por que os textos apócrifos<sup>3</sup> cristãos não entraram no cânone?

Para a maioria dos cristãos, não há dúvidas de que um dos critérios fundamentais utilizados pela Igreja na escolha dos livros da Bíblia foi a autoridade apostólica deles e a presença do Espírito Santo em suas composições. O Concílio de Trento [1545-1563] – uns dos concílios ecumênicos mais longos de toda a História da Igreja Católica – por exemplo, declarava “ao mesmo tempo santos e canônicos os livros da Bíblia porque, ‘escritos sob a Inspiração do Espírito Santo, têm a Deus por autor e, como tais, foram confiados à Igreja’.”<sup>4</sup> O artigo 3 do catecismo católico diz que Deus inspirou seus autores a escreverem os livros sagrados, “servindo-se deles, na posse de suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria.”<sup>5</sup> Logo, todos os outros livros que não tiveram um reconhecimento sagrado são, para a Igreja, falsos escritos, mentirosos, blasfemos e não de inspiração divina. Assim, apenas os textos canônicos<sup>6</sup> ensinam fielmente e sem erros a única e pura verdade que Deus deixou aos homens para a sua salvação. Bem, isso é o que aprendemos pela tradição da Igreja e que a maioria dos fieis aceitam como sendo justo e verdadeiro. Porém, existem relatos históricos importantes, mas pouco divulgados, mostrando que a aceitação de um livro e a exclusão de outro parece estar mais ligada a um ato humano de discriminação ao invés de uma ordem divina.

Ao examinarmos mais de perto o processo histórico de formação do cânone do Novo Testamento vemos que, na verdade, o que houve durante vários séculos foi uma disputa política e ideológica na escolha da coleção de livros santos. Temos a informação de que Marcião de Sinope<sup>7</sup> [c. 85-160 d.C.], por volta do ano 140 d.C., foi o primeiro a reunir um conjunto fechado de Escrituras reservado aos poucos livros de seu interesse particular. Seu cânone inspirado continha apenas onze livros – uma versão do *Evangelho de Lucas*, algumas *Cartas de Paulo* e um texto de sua própria autoria<sup>8</sup>.

---

<sup>3</sup> A coleção de livros Apócrifos do Novo Testamento é muito maior do que o da Bíblia canônica. Enquanto temos 27 livros oficializados pela Igreja, hoje podemos contabilizar mais de 80 obras Apócrifas, onde se incluem evangelhos, atos, epístolas, apocalipses, tratados, orações, etc.

<sup>4</sup> ROBERT, Adolphe et al. **Introdução à Bíblia**: introdução geral: Antigo Testamento. Tradução portuguesa do Instituto Teológico Pio XI, vol. I. São Paulo: Herder, 1967, p. 35.

<sup>5</sup> Art. 3, II, 106. (VATICAN, 2015).

<sup>6</sup> Ou seja, o conjunto de livros que compõe as regras de fé da Igreja, origem literal da palavra grega *kanón* que significa “regra”, “norma”, “medida”, “ordem”.

<sup>7</sup> Marcião foi um teólogo cristão do século II d.C. Ele foi considerado herege pelos Pais da Igreja e suas obras condenadas.

<sup>8</sup> Marcião teria composto um livro chamado *Antíteses*, preservado apenas nas citações de seus oponentes.

Um pouco mais tarde os Pais da Igreja, seguindo o exemplo de Marcião, começaram a estipular quais os livros que deveriam ou não fazer parte do cânone Sagrado. Todavia, a escolha deles não foi homogênea. Clemente de Alexandria [150-215], por exemplo, chegou a atribuir uma inspiração divina a obras de autores considerados por outros escritores da Igreja como não inspirados. O bispo de Alexandria considerava a *Epístolas de Clemente de Roma*, a *Epístola de Barnabé*, assim como o *Apocalipse de Pedro* e o *Pastor de Hermas*<sup>9</sup> como livros inspirados.<sup>10</sup> Ele também cita palavras<sup>11</sup> que supostamente teriam sido ditas por Jesus, mas que não constam no novo testamento canônico. Porém, o mais curioso é que Clemente inclui em seu cânone de livros inspirados textos de autores não cristãos. Ele acreditava que todas as passagens, palavras, frases ou parágrafos que contivesse uma moral religiosa verdadeira fossem sem dúvida inspiradas por Deus. Mergulhado no ambiente helenístico e influenciado pelas ideias neoplatônicas, Clemente de Alexandria considerou as palavras do poeta grego Orfeu, do filósofo Platão e de Metrodoro<sup>12</sup> como “divinamente inspiradas”<sup>13</sup>.

Um pouco mais conservador na escolha do cânone cristão, outro importante membro da Igreja primitiva, Orígenes de Alexandria [c. 185-254] – considerado por muitos autores contemporâneos como “o mais completo conhecedor da Bíblia entre todos os escritores da Igreja Primitiva”<sup>14</sup> – fala da multiplicidade dos evangelhos existentes em sua época ao mesmo tempo em que apoia aqueles cuja Igreja outrora aprovava: “A Igreja possui quatro evangelhos; os hereges têm numerosíssimos, (...) Mas, em todas essas questões não aprovamos nenhum, exceto os que a Igreja aprova, ou seja, apenas quatro Evangelhos Canônicos”<sup>15</sup>. (Tradução nossa).<sup>16</sup> Embora Orígenes se apoie por completo na tradição canônica creditada pelos seus antecessores, sua posição com relação a outros textos cristãos nos deixa dúvidas. A *Carta aos Hebreus*, *2 Pedro*, *Judas*, *2 e 3 João*, embora as utilize e as cite em seus escritos, Orígenes

---

<sup>9</sup> O *Pastor de Hermas*, uma obra literária cristã do século II citada por Atanásio de Alexandria [295-373] cerca do ano 350 d.C foi tida como inspirada por Deus até o século IV. Ela fez parte, por exemplo, do Códex Sinaítico do Novo Testamento, até que mais tarde foi reconhecida como sendo obra não de um apóstolo, mas do irmão de Pio, um bispo de Roma que viveu na metade do segundo século (cf. EHRMAN, 2008, p. 223).

<sup>10</sup> METZGER, Bruce M. **The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance**. New York: Oxford University Press, 1987, p. 134.

<sup>11</sup> Tais palavras são chamadas de ágrafos, isto é, o que não está escrito e aparecem ocasionalmente em suas obras como inspiradas.

<sup>12</sup> Metrodoro foi um membro da escola epicurista.

<sup>13</sup> METZGER, Bruce M. **The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance**. New York: Oxford University Press, 1987, p. 134.

<sup>14</sup> WALKER apud PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 72.

<sup>15</sup> *Hom. Lc. I, 1, 2*. (ORIGEN, 1996).

<sup>16</sup> The Church has four Gospels. Heretics have very many. (...) But in all these questions approve of nothing but what the Church approves of, namely only four canonical Gospels.

não está totalmente certo de suas legitimidades<sup>17</sup>. Outros livros, tais como o *Evangelho dos Hebreus*, a *Epístola de Barnabé*, a epístola de *Clemente de Roma*, os *Atos de Paulo*, *A Pregação de Pedro* e, inclusive *O Pastor de Herma* são considerados por Orígenes como obras legítimas, porém de inspiração privada. Já os considerados “apócrifos” devem ser todos rejeitados<sup>18</sup>. Há casos ainda em que a inspiração de um escrito interpretada por Orígenes entra em conflito com a de outro Pai da Igreja, como no caso da *Carta de Aristeu* (uma obra grega pseudoepígrafa da tradição Judaica produzida no século II). Segundo a interpretação de Clemente de Alexandria essa carta teria sido inspirada por Deus, mas Orígenes discorda disso<sup>19</sup>.

Mais tarde, no século IV, o historiador apologético Eusébio [ca. 265-339], natural de Cesárea, formula de forma mais categórica a relação dos livros reconhecidos pela Igreja como inspirado. Porém, assim como Orígenes, o mesmo se ateve a se apoiar na tradição de seus antecessores. Sua lista de livros contém: 1) os aceitos por todas as Igrejas, ou seja, os quatro Evangelhos mais o *Livro de Atos*, as *Cartas de Paulo*, a *Primeira Epístola de João*, *Pedro* e, quem sabe, o *Apocalipse de João*<sup>20</sup>; 2) os que são genuinamente suspeitos, como no caso das *Epístolas de Tiago*, de *Judas*, segunda de *Pedro* e a segunda e terceira de *João*; 3) os que devem ser rejeitados como ilegítimos, nos quais dentre eles se destacam os *Atos de Paulo*, *O Pastor de Hermas*, o *Apocalipse de Pedro*, a *Epístola de Barnabé*, uma obra chamada *Ensino dos Apóstolos* e, se julgar oportuno, o *Apocalipse de João*; 4) por fim, aqueles que devem ser desconsiderados por inteiro, isto é, os “apócrifos”, que são os livros não apoiados pela ortodoxia, os que seriam invenções de hereges e que, portanto, deveriam ser rechaçados “como completamente perverso e ímpio”<sup>21</sup>.

A contribuição dada por Clemente de Alexandria, Orígenes e Eusébio foi, sem dúvida, importante nos preparativos para o processo do desenvolvimento final do cânone oficial da Igreja que ganhou força no decorrer da idade média. Tal elenco serviu de base para que seus sucessores utilizassem do mesmo critério de inspiração como um meio artificioso para apoiar ou discriminar uma obra cristã como verdadeira ou falsa. Exemplo disso é Agostinho, bispo

---

<sup>17</sup> ROBERT, Adolphe et al. **Introdução à Bíblia**: introdução geral: Antigo Testamento. Tradução portuguesa do Instituto Teológico Pio XI, vol. I. São Paulo: Herder, 1967, p. 46.

<sup>18</sup> ROBERT, Adolphe et al. **Introdução à Bíblia**: introdução geral: Antigo Testamento. Tradução portuguesa do Instituto Teológico Pio XI, vol. I. São Paulo: Herder, 1967, p. 46.

<sup>19</sup> Cf. HENGEL, Martin. **The Septuagint as Christian Scripture**: Its Prehistory and the Problem of Its Canon. Translated by Mark E. Biddle. New York: T&T Clark, 2002, p. 12.

<sup>20</sup> Durante vários séculos o *Apocalipse de João* foi considerado uma obra duvidosa ficando de fora do cânone de algumas Igrejas como a de Laodicéia e de Antioquia que não o viu como sendo obra do apóstolo João. (Cf. ROBERT, 1967, p. 47). Epifânio, por exemplo, toma conhecimento de uma seita herética do século II d.C., a Alogi, que atribuía a autoria do *Apocalipse de João* a Cerinto, um gnóstico judeu-cristão do século II. (Cf. Epifânio, *Panarion*, 51, 1-35).

<sup>21</sup> *Hist. Ecles.* 3, 25. (EUSEBIUS, 1929).

de Hipona que no século IV estabelece uma norma preferencial para os livros canônicos a fim de superar as dúvidas de seus antecessores. Em sua obra *De Doctrina Chistiana (A Doutrina Cristã)*, concluída por volta do final do ano 426 ou no início de 427, lê-se:

Eis o método que se há de observar no discernimento das Escrituras canônicas: os livros que são aceitos por todas as igrejas católicas se antepõem aos que não são aceitos por algumas. Por outro lado, entre os livros que algumas igrejas não admitem, preferem-se os que são aceitos pelas Igrejas mais numerosas e importantes aos que são unicamente aceitos pelas igrejas menos numerosas e de menor autoridade.<sup>22</sup>

Cirilo de Jerusalém [313-386], bispo sucessor de Máximo III, excomunga os apócrifos como falsos escritos que corrompem a mente das pessoas. O mesmo faz severas críticas ao *Evangelho de Tomé* assim como às pessoas que o lerem, e, sem delongas, está apto a determinar aos fiéis somente a leitura dos textos outrora já pré-estabelecidos pela Igreja ortodoxa:

No Novo Testamento há quatro evangelhos, e somente quatro; quaisquer outros são falsos e prejudiciais. Os maniqueus escreveram outro, o *Evangelho de Tomé*, que, embora seja perfumado e mascarado com o nome do Evangelho, corrompe a alma dos simples. Você também deve aceitar os *Atos dos doze apóstolos* e, além das sete epístolas católicas de *Tiago, Pedro, João e Judas*; e, finalmente, para definir o selo em todos eles, as catorze epístolas de Paulo, que formam o último trabalho dos discípulos. Trate todos os outros livros como secundário. Aqueles que não são lidos nas Igrejas você não deve ler, além disso, deve privá-los, como já foi dito. Isso é tudo o que precisa ser dito sobre este assunto.<sup>23</sup> (Tradução nossa).<sup>24</sup>

A adesão dos livros que não de ser lidos como inspirados nas Igrejas (em destaque para as Igrejas fundadas no Ocidente) e a condenação daqueles que deverão compor o *index librorum prohibitorum* ganha um caráter unânime a partir do início do século V. Parece que agora o desejo de se obter um cânone oficial, seguro e totalmente digno de fé começa a ser de fato alcançado. Em 20 de fevereiro de 405, mais ou menos 22 anos antes da publicação final de *De Doctrina Chistiana* de Agostinho, o papa Inocêncio I divulga uma carta<sup>25</sup> endereçada a Exuperius (bispo de Toulouse) contendo uma lista de livros que poderiam ser aceitos e os que não deveriam fazer parte do cânone bíblico. Com relação ao do Novo Testamento, de acordo

---

<sup>22</sup> *A Doutrina Cristã*, 2, 8, 12. (AGOSTINHO, 2002).

<sup>23</sup> *Catequese*, 4, 36. (YARNOLD, 2000).

<sup>24</sup> In the New Testament there are four gospels, and only four; any others are spurious and harmful. The Manichees wrote another, the Gospel of Thomas, which, being scented and painted with the name of gospel, corrupts the souls of the simple. You should also accept the Acts of the twelve apostles, and in addition the seven catholic epistles of James, Peter, John and Jude; and finally, to set the seal on them all, the fourteen epistles of Paul, which form the last work of the disciples. Treat any other books as secondary. Those which are not read in churches you should not read privately either, as you have already been told. This is all that needs to be said on this subject.

<sup>25</sup> *Consulenti tibi*, n. 7.

com Inocêncio deve ser rejeitado e condenado “todos os que têm aparecido (além do nosso Novo Testamento) ‘sob os nomes de Mateus, Tiago Menor, Pedro, João, André, Lêucio’”, inclusive os escritos dos filósofos Xenocárides e Leônidas.<sup>26</sup>

Outro documento latino chamado *Decretum Gelasianum* cuja autoria é incerta, mas que a tradição atribui ou ao papa Gelásio [c. 492- 496], ou a Dâmaso I [c. 366-384] ou a Hormisdas [c. 514-523]<sup>27</sup> é talvez o catálogo mais extenso de escritos bíblicos. Dividido em cinco partes, além de oferecer um elenco dos livros aceitos do Antigo Testamento e do Novo Testamento, a última parte contém uma longa lista de condenação dos escritos apócrifos (que ao todo somam mais de sessenta títulos) e de autores heréticos (cerca de trinta e cinco nomes). No início da lista o autor emite uma ordem para a Igreja romana deixando bem claros quais escritos devem ser evitados:

Todos os outros escritos (isto é, os que não fazem parte do cânone) compilados ou reconhecidos pelos hereges ou cismáticos, de modo algum recebe a Igreja Católica Apostólica e Romana. Destes, devemos mencionar alguns que nos vem à memória, os quais os católicos devem evitar.<sup>28</sup> (Tradução nossa).<sup>29</sup>

Devemos considerar também a lista canônica do patriarca de Nicéforo [c. 809-818] de Constantinopla que traz um catálogo contendo 60 livros. Outros documentos interessantes, como uma enumeração de cinco “falsos Evangelhos” apócrifos de uma fonte hebraico-samaritano<sup>30</sup> em uma secção sobre a era romana<sup>31</sup> e um manuscrito siríaco romano hagiográfico datado cerca de 875 d.C. que certamente também pertenceu a uma comunidade de samaritanos. Neste, por exemplo, contém a informação de que “em uma das aldeias dos samaritanos (...) os da heresia dos herodianos (...) recebem apenas o *Evangelho de Marcos*, o evangelista, as três *Cartas de Paulo*, e quatro livros de Moisés’.”<sup>32</sup> (Tradução nossa).<sup>33</sup>

Por último, talvez o documento histórico mais importante que traz informações a respeito da formação do cânone do Novo Testamento seja o chamado *Canon de Muratori* ou

---

<sup>26</sup> KIDD, B. J. **History of the Church to A.D. 461**. Oxford: Clarendon Press, 1922, p. 8.

<sup>27</sup> Alguns acreditam que essa obra não deva ser de um papa, mas uma compilação particular elaborada não em Roma, mas na Itália no início do século VI. (METZGER, 1989, p. 188).

<sup>28</sup> *Decretum Gelasianum*, 5. (DOBSCHÜTZ, 1912).

<sup>29</sup> *Cetera quae ab hereticis sive scismaticis conscripta vel praedicata sunt, nullatenus recipit catholica et apostolica Romana ecclesia; e quibus pauca, quae ad memoriam venerunt et a catholicis vitanda sunt.*

<sup>30</sup> *Samaritan Hebrew Chronicle II*.

<sup>31</sup> Cf. METZGER, Bruce M. **The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance**. New York: Oxford University Press, 1987, p. 188.

<sup>32</sup> METZGER, Bruce M. **The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance**. New York: Oxford University Press, 1987, p. 189, nota 61.

<sup>33</sup> “in one of the villages of the Samaritans... those of the heresy of the Herodians... receive only Mark the Evangelist, three letters of Paul, and four books of Moses”.

*Fragmento de Muratori*. Publicado em 1740 por Muratori (o editor), este documento<sup>34</sup> – que teria sido composto originalmente no final do segundo século<sup>35</sup> – apresenta um catálogo ou uma lista formal dos livros aceitos e rejeitados nas Igrejas, trazendo uma espécie de “introdução ao Novo Testamento” acrescido de “informações históricas e reflexões teológicas”.<sup>36</sup> Com relação à nomeação dos escritos canônicos de *Muratori*, os Quatro Evangelhos (linha 1-33) estão entre os que devem ser aceitos universalmente em todas as Igrejas, sendo que na ordem o de *Mateus* vem em primeiro, depois o de *Marcos*, o de *Lucas* e o de *João*. Segue na nomeação do autor o livro de *Atos dos Apóstolos* (linha 34-39) atribuído a *Lucas*, treze *Epístolas de Paulo* (linha 39-68), duas *Epístolas de João* e a de *Judas* (linha 68-71), e mais dois Apocalipse (linha 71-80): o de *Pedro* (recusado por algumas Igrejas) e o de *João*. O *Pastor de Hermas* também aparece como permitido de ser lido particularmente nas Igrejas. Vejam que ficou de fora a *Epístola aos Hebreus*, 1 e 2 *Pedro*, a *Terceira Epístola de João* e *Tiago*. Entre os apócrifos são nomeados vários livros atribuídos a hereges cristãos do século II que devem ser totalmente rejeitados, sendo uns deles, a *Epístola aos Laodicenses*<sup>37</sup> e a *Epístola aos Alexandrinos*.<sup>38</sup>

Ao final destas breves considerações podemos concluir que a formação do cânone de livros inspirados do Novo Testamento, seu reconhecimento sagrado e sua autoridade santa se deram não por intermédio de uma ordenação divina, mas por uma escolha deliberada em gostos particulares de acordo com interesses de fé privada. Os primeiros cristãos escolheram somente os livros que eram de acordo com seus interesses de fé, deixando de lado todos àqueles os quais, em suas mentes, não tiveram uma inspiração do Espírito Santo.

---

<sup>34</sup> Hoje possuímos apenas uma cópia do *Fragmento de Muratori* (MS J. 101 sup.) datada do oitavo século escrita anonimamente, provavelmente por um monge escriba, que se encontra preservado na Biblioteca Ambrosiana em Milão.

<sup>35</sup> Davidson arrisca uma data mais precisa (170 d.C.). Para saber mais sobre a datação do manuscrito, veja: METZGER, 1987, p. 191; TREGELLES, 1867, p. 1-2; MORALDI, 1996, p. 17 e DAVIDSON, 1878, p. 141.

<sup>36</sup> METZGER, Bruce M. **The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance**. New York: Oxford University Press, 1987, pp. 194-195.

<sup>37</sup> Cl 4, 16. (ARA).

<sup>38</sup> Quanto a epístola aos laodicenses, esta seria uma versão alterada da epístola aos Efésios forjada em nome do apóstolo Paulo e, portanto, deveria ser proibida (DAVIDSON, 1878, p. 142.). Já com relação a *Epístola aos Alexandrinos*, embora alguns estudiosos conjecturassem que seja a *Epístola aos Hebreus*, nada podemos afirmar acertadamente, pois nenhuma evidência dessa carta chegou até nós. (METZGER, 1987, pp. 195-199; DAVIDSON, 1878, pp. 141-143 e TREGELLES, 1867).

## 2.2 Falso conteúdo e falsa autoria: a posição dos acadêmicos com relação a autoridade apostólica dos escritos apócrifos

Conforme vimos anteriormente, a história de formação e composição do cânone cristão foi repleta de disputas ideológicas e políticas. Nada de uma unanimidade e muito menos uma pré-eleição pacífica entre os Pais da Igreja com relação à escolha dos livros santos. Mas apesar dentre todos esses impasses, o fator mais importante que fez com que os escritos apócrifos ficassem de fora do cânone oficial da Igreja Católica foi à questão da não autoridade apostólica deles.

Para os primeiros padres da Igreja qualquer escrito cristão que não fossem àqueles que eles acreditavam ter vindo diretamente das mãos de um apóstolo ou discípulo de Jesus não era digno de verdade e inspiração, mas sim de falsificação. Todos os outros evangelhos que circulavam entre os séculos II e IV sob o nome de *Tomé*, *Judas*, *Felipe*, *Tiago*, *Pedro*, *Maria Madalena*, *João*, *Bartolomeu*, e etc., foram escritos não por eles mesmos, mas por autores anônimos que conferiam a esses escritos nome de pessoas que supostamente estiveram próximas de Jesus e seus discípulos. Por causa disso, tais livros deveriam ser destruídos, pois seus conteúdos, segundo os Pais da Igreja, prostituiriam o verdadeiro significado da palavra de Deus.

Hoje, ainda há estudiosos que concordam com os argumentos dos Pais da Igreja. Eles alegam não haver nada nesses apócrifos que corrobore com a construção histórica e apostólica do Cristianismo. O teólogo e professor Craig Alan Evans, por exemplo, faz uma forte crítica quanto à questão da autenticidade e originalidade de alguns textos Apócrifos. Em uma de sua análises está o célebre *Evangelho de Tomé*<sup>39</sup>. Após analisar este Evangelho, Evans chega à conclusão de que se trata, muito possivelmente, de uma falsificação tardia. Bem, estudiosos como Stephen J. Patterson, Hans Gebhard Bethge, Richard Smoley, Helmut Koester, Ron Cameron, James M. Robinson, Marvin Meyer e outros acreditam que o *Evangelho de Tomé* apresenta materiais autênticos, autônomos e distintos da tradição sinótica<sup>40</sup>. Este, em sua forma original, pode ser mesmo até mais antiga do que os Quatro Evangelhos. Koester, por exemplo, defende que o *Evangelho de Tomé* preserva algumas tradições palestinas independentes do primeiro século. Ele acredita que sua forma mais original ficaria em torno do ano 50

---

<sup>39</sup> O *Evangelho de Tomé* é uma coleção de ditos de Jesus. Hoje existem duas cópias deste *Evangelho*, sendo uma versão fragmentária em grego (Oxyrhynchus Papyri 1, 654 e 655) datada do século II d.C., e uma versão em copta (NHC II, 2) pertencente a Biblioteca de Nag Hammadi datadas do século IV a.C.

<sup>40</sup> Cf. PATTERSON, Stephen J; BETHGE, Hans-Gebhard; ROBINSON, James M. **The Fifth Gospel** New Edition. The Gospel of Thomas Comes of Age. New York: T&T Clark, 2011.

d.C. Semelhante, Meyer afirma que os ditos de *Tomé* pode muito bem pertencer ao século I.<sup>41</sup> Evans, por sua vez, discorda desses autores. Segundo ele, o *Evangelho de Tomé* não oferece evidências válidas suficientes para que possamos datá-lo no primeiro século do Cristianismo, pelo contrário, esse evangelho, diz Evans, “só poderá levar a uma visão distorcida do Jesus histórico”<sup>42</sup>.

A partir da análise de elementos recolhidos de materiais canônicos e extracanônicos, Evans chega à conclusão de que é difícil acreditar que o *Evangelho de Tomé* tenha sido escrito antes de meados do século II.<sup>43</sup> Ele alega ser claro a dependência de *Tomé* aos Evangelhos do Novo Testamento, sobretudo com os de tradição cristã oriental siríaca, e não ao contrário. Em sua opinião, o *Evangelho de Tomé* não teria sido escrito originalmente em grego e mais tarde traduzido para o copta, como defendem os outros acadêmicos. Para Evans, o *Evangelho de Tomé* não passa de uma interpolação posterior totalmente dependente de uma versão harmonizada dos Quatro Evangelhos feita por Taciano [c. 120-180] em língua siríaca denominada *Diatessaron*.<sup>44</sup> Evans chega a essa conclusão através do estudo feito pelo professor Nicholas Perrin que traduziu a versão copta de *Tomé* para o grego e para o siríaco e os resultados obtidos se mostraram familiares ao texto de Taciano. Logo, ai estaria à prova de que o *Evangelho de Tomé* não pode ser considerado fonte segura para um pesquisador tentar reconstituir os verdadeiros ensinamentos de Jesus.

Um primeiro problema que se observa no estudo de Evans – bem como a de outros acadêmicos<sup>45</sup> – é que ele parte do pressuposto de que os Evangelhos Canônicos foram escritos originalmente no século I, décadas após a morte de Jesus histórico.<sup>46</sup> Bom, quanto a esse argumento devemos ficar atentos por que não existe nenhum manuscrito ou autógrafo original do Novo Testamento cuja data remete ao século I. Um segundo problema, que por sinal levantado por alguns críticos<sup>47</sup>, é utilizar as histórias dos Evangelhos para definir a origem do cristianismo. Ora, não há provas de que toda a narrativa sobre Jesus e seus apóstolos presente nos

---

<sup>41</sup> Cf. MEYER, Marvin. **Nag Hammadi Scriptures**. New York: HarperOne, 2007.

<sup>42</sup> EVANS, Craig. **O Jesus Fabricado: Como os acadêmicos atuais distorcem o Evangelho**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes, São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 70.

<sup>43</sup> Cf. EVANS, Craig. **O Jesus Fabricado: Como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes, São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 181.

<sup>44</sup> EVANS, Craig. **O Jesus Fabricado: Como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes, São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 70.

<sup>45</sup> Principalmente os dos membros do *Jesus Seminar* (grupo de estudo do Novo Testamento fundado por Robert Funk em 1985).

<sup>46</sup> Cf. EVANS, Craig. **O Jesus Fabricado: Como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes, São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 173.

<sup>47</sup> Cf. CAMERON, Ron; MILLER, Merrill P. **Redescribing Christian Origins**. Leiden • Boston: Brill, 2004, p. 2-4. (Society of Biblical Literature Symposium Series).

Quatro Evangelhos são relatos verdadeiros, ou seja, aquilo que de fato aconteceu<sup>48</sup>. Qualquer um pode ver que esses livros são recheados de parábolas, provérbios, metáforas, personificações, figuras de linguagens, símbolos e etc. (Que, por conseguinte, são métodos muito comuns utilizados em várias culturas antigas como forma de expressar, por meio de analogias, uma sabedoria de ordem superior, e é muito provável que os escritores dos Evangelhos utilizaram desses métodos para falar do conhecimento dos mistérios Divinos).

Mas, embora muitos estudiosos dedicassem vários anos de trabalho e pesquisa na tentativa de encontrar nos Quatro Evangelhos evidências que comprovem a origem histórica de Jesus, na verdade, o que eles conseguiram até hoje foi uma bela dor de cabeça. O que a maioria deles fazem, por exemplo, é, através de recursos textuais hipotéticos com base nas evidências externas e internas tardias do texto do Novo Testamento grego, transferir o sentido de uma palavra grega para o seu equivalente em hebraico ou aramaico (língua materna de Jesus)<sup>49</sup>. Mas essa é uma tarefa perigosa e o risco de se cometer falácias é enorme<sup>50</sup>, pois além de algumas palavras não trazerem um correspondente exato em outras línguas, o longo processo de transmissão e as centenas de milhares de variantes textuais presente nos diversos manuscritos gregos (embora muitas delas não tragam grandes consequências) dificultam a reconstrução do texto inicial. Um especialista no assunto diz: “Os manuscritos originais que deixaram as mesas dos autores estão perdidos. Mesmo se os tivéssemos, ainda não seriam capazes de verificar, à medida que os próprios autores podem ter introduzido variantes para a transmissão.”<sup>51</sup> (Tradução nossa).<sup>52</sup>

Observa-se também no estudo de Evans que ele assume, algumas vezes, uma postura um tanto quanto radical e conservadora ao afirmar que “não é provável que informações antigas e confiáveis a respeito de Jesus histórico não encontrado nos escritos do Novo Testamento tenham sido preservadas em alguns dos escritos do século II.”<sup>53</sup> Outro teólogo famoso que também trabalha na reconstrução ou recuperação do Jesus histórico, o padre católico John P. Meier defende um argumento bem parecido com o de Evans. Segundo ele há pouquíssimas fontes para além dos Quatro Evangelhos que possa ser útil para o conhecimento do Jesus his-

---

<sup>48</sup> Há quem defenda que negar completamente a história bíblica é perder a nossa tradição. (Cf. DAVIES apud CAMERON; MILLER, 2004, p. 4).

<sup>49</sup> Cf. JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa, São Paulo: Hagnos, 2008.

<sup>50</sup> A tradução grega do Antigo Testamento, a *Septuaginta* (grego= εβδομηκοντα) é um exemplo disso.

<sup>51</sup> WACHTEL, Klaus; HOLMES Michael W. **The Textual History of the Greek New Testament: Changing Views in Contemporary Research**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011, p. 11.

<sup>52</sup> The original manuscripts as they left the authors' desks are lost. Even if we had them, we would still not be able to check the extent to which the authors themselves may have introduced variants into the transmission.

<sup>53</sup> EVANS, Craig. **O Jesus Fabricado: Como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes, São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 53.

tórico e, contudo, acrescenta que as informações sobre Jesus fornecidas pelos textos do Novo Testamento apócrifo são “em grande parte, fantasia.”<sup>54</sup> Bom, de fato é muito pouco provável que o leitor encontre fatos e acontecimentos históricos da vida de Jesus e de seus apóstolos, principalmente nas obras gnósticas. Não! Cremos que esses textos não são fontes seguras para esse tipo de estudo. Na verdade, o grande propósito de suas narrativas é transmitir um tipo de conhecimento oculto e esotérico, não histórico. Assim, não podemos afirmar que o conteúdo mítico narrado nesses textos são fantasias e distorções dos fatos reais e concretos da vida de Jesus.

Vimos que Evans, Meier e outros estudiosos defendem que todos os Evangelhos fora os do Novo Testamento teriam sido escritos muito tempo depois da morte de Jesus. Quanto a isso, em primeiro lugar, vale lembrar que muito daquilo que foi transmitido no primeiro século através da tradição oral (predominantemente comum no ambiente cultural onde o Novo Testamento foi transmitido) pode ter sido preservado e utilizado na composição das obras apócrifas do segundo século. Em segundo lugar, de acordo com vários pesquisadores, as cópias mais antigas dos Evangelhos canônicos indicam que eles não foram escritos por seus respectivos autores<sup>55</sup>.

Muito se têm discutido hoje sobre a autoria dos Evangelhos Canônicos. Quem os escreveu foram realmente Mateus, Marcos, Lucas e João? Vários estudiosos acreditam que muito provavelmente não. Os Quatro Evangelhos não teriam sido escritos nem por Mateus, nem por Marcos, nem por Lucas e tão pouco por João. Há ainda quem sugira que os apóstolos nem ao menos ficaram sabendo que seus nomes foram grafados nesses livros que hoje lemos e acreditamos serem de autoria dos mesmos. Por exemplo, o professor e pesquisador americano do Novo Testamento, mestre e doutor em *Princeton Theological Seminary*, Bart D. Ehrman, defende que os Quatro Evangelhos circulavam entre as comunidades sem autoria até pelo menos o ano 150. Seus autógrafos só foram aparecer por volta do ano 180/185, primeiramente com o Bispo Irineu, pois antes desse período não havia a necessidade ou a preocupação com a autoria deles.<sup>56</sup> Segundo Ehrman<sup>57</sup>, devido ao grande número de evangelhos existentes naquela época os Pais da Igreja passaram a atribuir nomes de autores que a tradição dizia estarem

---

<sup>54</sup> MEIER, John P. **A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus. Vol. 4: Law and Love.** New haven and london: Yale University Press, 2009, p. 13.

<sup>55</sup> STROUMSA, Guy. **Hidden Wisdom: Esoteric Traditions and the Roots of Cristian Mysticism.** Leiden-Boston, 2005, p. 81-83. (Studies in the History of Religions Vol. 70).

<sup>56</sup> EHRMAN, Bart D. **Forged: Writing In The Name Of God - Why The Bible's Authors Are Not Who We Think They Are.** New York: Harper Collins, 2011.

<sup>57</sup> EHRMAN, Bart D. **Forged: Writing In The Name Of God - Why The Bible's Authors Are Not Who We Think They Are.** New York: Harper Collins, 2011.

próximo de Jesus a fim de legar autoridade à mensagem contida neles. O intuito era mostrar que os textos que eles possuíam eram mais verdadeiros do que outros. De fato as fontes históricas mais antigas corroboram com tais argumentos. Para termos uma ideia, um dos primeiros representantes da Igreja a citar alguns versículos dos evangelhos em suas obras foi o teólogo cristão Justino Martir [100-165]. Mártir em momento algum atribui a eles uma autoria, pelo contrário, o mesmo os chama de “Memórias dos Apóstolos”<sup>58</sup>. Papias [c. 70-140], outro importante escritor eclesiástico, faz referência a Marcos e Mateus alegando que ambos escreveram sobre Jesus, mas não diz que tais escritos se referem aos *Evangelhos de Marcos e Mateus* que possuímos hoje, pelo contrário, diz Papias que os registros de Mateus, por exemplo, continham não atos e experiências da vida de Jesus, mas uma coleção de ditos evangélicos (“oráculos do Senhor”) escritos em língua hebraica (ou aramaica?), não em grego.<sup>59</sup> Steve Mason – professor de história e estudos religiosos, autor do livro *Josephus, Judea, and Christian Origins: Methods and Categories* – está de acordo com Ehrman ao escrever: “os Evangelhos do Novo Testamento são textos anônimos; eles recebem o rótulo (de *Mateus, Marcos, Lucas e João*) por volta de meados do século II.”<sup>60</sup> (Tradução nossa)<sup>61</sup>. Graham N. Stanton, um proeminente e respeitado estudioso do Novo Testamento também atesta a mesma hipótese: “Os títulos familiares que dão o nome de um autor (‘O *Evangelho* de acordo com...’) não faziam parte dos manuscritos originais, porque foram adicionados somente no início do segundo século.”<sup>62</sup> (Tradução nossa)<sup>63</sup>. Tom Harpur<sup>64</sup>, outro grande estudioso do Cristianismo primitivo e defensor da teoria do “Jesus mito”, alega que os únicos testemunhos que temos da autoria dos Evangelhos datam somente por volta de 140 a 170 d.C. Harpur também aborda uma questão interessante. Segundo ele, devemos nos lembrar de que não existe nenhum manuscrito que nos remetam aos autógrafos originais do Novo Testamento e, tão pouco, jamais algum teólogo ou Pai da Igreja afirmou ter visto um. Em outras palavras, queremos mostrar que não há provas históricas factuais de que os autores dos Quatro Evangelhos foram testemunhas oculares da vida de Jesus e de seus supostos apóstolos.

---

<sup>58</sup> EHRMAN, Bart D. **Forged**: Writing In The Name Of God - Why The Bible's Authors Are Not Who We Think They Are. New York: Harper Collins, 2011, p. 250.

<sup>59</sup> Cf. EHRMAN, Bart D. **Forged**: Writing In The Name Of God - Why The Bible's Authors Are Not Who We Think They Are. New York: Harper Collins, 2011.

<sup>60</sup> MASON, Steve. **Josephus, Judea, and Christian Origins**: Methods and Categories. United States of America: Hendrickson Publishers, 2009, p. 283.

<sup>61</sup> The New Testament gospels do not call themselves by this name; they receive this label only from about the mid-second century.

<sup>62</sup> STANTON, Graham. **The Gospels and Jesus**. New York: Oxford University Press, 1989, p. 19.

<sup>63</sup> The familiar headings which give the name of an author (‘The Gospel according to...’) were not part of the original manuscripts, for they were added only early in the second century.

<sup>64</sup> Cf. HARPUR, Tom. **The Pagan Christ**: Is Blind Faith Killing Christianity OM. New Zealand: Allen & Unwin, 2005.

Ora, mas se a falseabilidade de um texto cristão se dá pela não autoridade apostólica dele, não poderíamos, dentro dessa perspectiva, considerar também os Evangelhos canônicos como falsificação, visto que muito provavelmente não foram escritos pelos seus respectivos autores? Alguns estudiosos dirão que não. Acredita-se hoje que o fato dos *Evangelhos de Mateus, Marcos Lucas e João* terem sido escritos anonimamente não quer dizer que o conteúdo religioso dos mesmos seja necessariamente uma falsificação: “Falsa atribuição não é necessariamente uma fraude”<sup>65</sup>, diz Ehman (tradução nossa)<sup>66</sup>. Aliás, poderíamos remover tranquilamente os autógrafos dos Evangelhos canônicos que isso não afetaria em nada os seus conteúdos (diferentemente de alguns apócrifos, onde o nome de um apóstolo inserido no título está diretamente em correlação com sua participação na história, mesmo que de modo mitológico).

Seja como for, o fato é que os Evangelhos Apócrifos não foram canonizados pelos Pais das Igrejas por que os mesmos supostamente (na visão deles) não possuíam uma inspiração divina, menos ainda uma autoridade apostólica. Contudo, não cabe mais hoje a um estudioso sério acreditar nessa mentalidade infame. Seria ignorância aceitar que todos os outros textos cristãos não presentes na Bíblia foram escritos com a intenção de enganar seus leitores com teologias falsas e relatos fictícios sobre os ensinamentos de Jesus, de seus apóstolos e discípulos. Um dos nossos objetivos é provar isso. Acreditamos que examinando tais livros buscando extrair deles não fatos históricos apóstolos, mas qual sua realidade religiosa, mística e simbólica (visto que tal objetivo não tira de forma alguma a credibilidade desses livros), talvez nós possamos atingir o verdadeiro sentido espiritual dos ensinamentos do Cristo.

### 2.3 Contra as heresias: a atitude dos Pais da Igreja para com os hereges

Por volta do século II de nossa era uma grande disputa sobre qual seria o verdadeiro significado dos ensinamentos de Jesus e qual o meio correto de por eles atingirmos a salvação emergiu nos círculos cristão-helenísticos. De um lado tínhamos um grupo de cristãos que diziam possuir a “opinião correta” (daí o termo “ortodoxia”, *orto* = correto e *dóxa* = opinião). Na mente desse grupo, qualquer outro tipo de crença que não fosse a favor daquela estabelecida por eles como a correta deveria ser condenada como “herética”<sup>67</sup>. Esses últimos discor-

---

<sup>65</sup> EHRMAN, Bart D. **Forged**: Writing In The Name Of God - Why The Bible's Authors Are Not Who We Think They Are. New York: Harper Collins, 2011, p. 257.

<sup>66</sup> A false attribution is not necessarily a deception.

<sup>67</sup> A palavra grega *αἵρεσις* (*haíresis*), em sentido estrito, significa “escolha, opção”. Em outros casos é também traduzida por “cisão, partido, grupo ou seita”. Ela aparece nove vezes no Novo Testamento (cf. At 5, 17; 15, 5; 24, 5, 14; 26, 5; 28, 22; 1Cor 11, 19; Gl 5, 20 e 2Pe 2, 1).

davam das perspectivas teológicas dos “ortodoxos”<sup>68</sup>. Por exemplo, enquanto que os primeiros diziam que quem crer na Igreja Católica e no bispado será salvos, os segundos (que foram apelidos de “hereges”) acreditavam que a salvação virá quando as pessoas alcançarem a sua plena condição divina, que se dá através do conhecimento (*gnosis*) do que elas realmente são.

É claro que dois tipos de visões diferentes de cristianismo não poderiam triunfar em um mesmo ambiente. Só que quem venceu a luta foi os quem diziam possuir a “opinião correta”. Uma vez vitoriosos, os cristãos “ortodoxos” fizeram com que parecesse que suas interpretações das escrituras eram as verdadeiras. Eles destacavam que suas visões teológicas foram transmitidas desde o início e que estavam pregando aquilo que recebera dos apóstolos. Ora, essa foi uma estratégia engenhosa, pois, se eles fossem de fato os sucessores dos apóstolos, logo toda e qualquer tipo interpretação que contrariasse a crença cristã que eles defendiam estaria indo contra o ensino verdadeiro de Jesus. Foi devido a esses e outros impasses que os “hereges” não tiveram vez e acabaram perdendo a batalha. O fato é que ainda hoje esse grupo de judeu-cristãos-helenistas que perdeu é visto como sendo os falsificadores da verdade, e os vencedores são os detentores da verdadeira fé.

Dentre todos os Pais da Igreja, o primeiro e mais importante heresiólogo é o bispo da cidade de Lyon (hoje França), um homem bastante inteligente chamado Irineu [c. 130-202 d.C.]. Segundo fontes históricas, Irineu foi um nativo da Ásia menor que em 177 d.C. tornou-se bispo da cidade de Lyon. Ele fazia parte de uma delegação em Roma e que mantinha contato e influência com Victor [c. 189-99], o bispo de Roma<sup>69</sup>. Após estudar profundamente as várias seitas e doutrinas heréticas vigentes em sua época, cerca do ano 180 d.C., Irineu compõe uma obra em cinco volumes intitulada *Refutação e derrota da gnosis, assim falsamente chamada* comumente atribuída pelo nome latim de *Adversus haereses (Contra as Heresias)*. Nessa obra, ao atacar todos àqueles que viessem pôr em risco a fé ortodoxa da Igreja, o bispo de Lion acaba mostrando sua visão violenta e negativa com relação a seus rivais. Logo no prefácio de seu primeiro volume ele ridiculariza os hereges alegando que muito deles,

ao rejeitar a verdade, apresentam discursos mentirosos e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que a construção do edifício de Deus que se realiza na fé – [...] seduzem a mente dos inexpertos e escravizam-nos, falsificando as palavras do Senhor (*falsantes uerba Domini*), tornando-se maus intérpretes do que foi corretamente expresso (*interpretatores mali eorum quae bene dicta*).<sup>70</sup>

<sup>68</sup> Significado literal da palavra grega ορθοδοξία (ortodoxia).

<sup>69</sup> Cf. CREECH, David. **A Diachronic Analysis of the Use of Scripture in the Variant Versions of the Apocryphon of John**. 2011. 187f. Dissertation (Doctorate) - Loyola University Chicago, Chicago, 2011.

<sup>70</sup> AH 1, 1, 1. (IRENEU, 1995).

Irineu costumava chamar os hereges gnósticos de “feras devastadoras” que devoravam toda a doutrina da fé que ele acreditava ser a verdadeira<sup>71</sup>. Logo, tais feras – “que oferecem sobre o altar de Deus um fogo estranho, isto é, doutrinas estranhas” – deveriam ser combatidas, feridas e mortas “pelo fogo celeste”.<sup>72</sup> É curioso observar que, para justificar a sua indignação pelos falsos escritos cristãos, Irineu alegava, a partir de uma dedução bastante questionável, que não poderia haver mais do que Quatro Evangelhos pelos seguintes motivos:

são quatro as regiões do mundo em que vivemos, quatro são os ventos principais (...), quatro as colunas que espalham por toda parte a incorruptibilidade e dão vida aos homens. Por isso é evidente que o Verbo, Artífice de todas as coisas, que está sentado acima dos querubins e mantém unidas todas as coisas, quando se manifestou aos homens, nos deu um Evangelho quadriforme, sustentado por um único Espírito.<sup>73</sup>

Em uma visão bastante extremista, Irineu teve a audácia em dizer que “o que salva é a fé (na Igreja) e a caridade; tudo o resto é indiferente”<sup>74</sup>. Ora, mas isso não seria desprezar todo o pensamento filosófico helenístico que, por sua vez, contribuiu para proliferação e ascensão do Cristianismo, servindo até mesmo de base para os posteriores líderes da Igreja?

Com a mesma insolência do bispo Irineu, outro fervoroso opositor de heresias, o teólogo latino bem sucedido da Igreja, *Tertullianus* de Cartago [c. 160-220] também não economizou provocações e ofensas contra os hereges e seus ensinamentos farsantes. Ele escreveu várias obras (especialmente contra Marcião e o gnóstico Valentino) atacando a “falsa *gnosis*”, inclusive a sabedoria filosófica. No seu tratado *De praescriptione haereticorum* (*Sobre a prescrição contra os hereges*), por exemplo, Tertuliano mostra seu anti-intelectualíssimo ao desprezar todos àqueles que buscam, através da filosofia, conhecer a verdade: “De onde surgem essas ‘fábulas e genealogias intermináveis’, e perguntas inúteis e palavras que se espalharam como um câncer?”<sup>75</sup> (Tradução nossa).<sup>76</sup> Percebe-se que sua pretensão é a de impedir o exercício racional no qual estão envolvidos os filósofos e os hereges. Ora, perguntas do tipo “de onde vem o mal” ou “por que existimos” e “de onde vem Deus” são desnecessárias, dizia Tertuliano. Filosofia e heresia, para ele, se fundem em “uma coisa só” e, portanto, corrompem a fé cristã. Sendo assim, não é possível encontrar em ambos uma relação com o evangelho do

---

<sup>71</sup> AH 1, 31, 4. (IRENEU, 1995).

<sup>72</sup> AH 4, 26, 2. (IRENEU, 1995).

<sup>73</sup> AH 3, 11, 8. (IRENEU, 1995).

<sup>74</sup> AH 3, 25, 5. (IRENEU, 1995).

<sup>75</sup> *De praescriptione haereticorum*, 7. (DONALDSON, 1918, vol. 3).

<sup>76</sup> Whence spring those "fables and endless genealogies," and "unprofitable questions, and "words which spread like a cancer?"

Cristo. Diz Tertuliano: “O que de fato tem a ver Atenas com Jerusalém? Que concordância há entre a Academia (Platônica) e a Igreja, entre os hereges e cristãos?”<sup>77</sup> (Tradução nossa).<sup>78</sup>

Tertuliano parecia mesmo ensinar a seus súditos uma teologia da ignorância. Abster-se de toda e qualquer forma de raciocínio é, portanto, a via mais segura e correta, um exemplo de fé em Deus. Um bom Cristão, para ele, é aquele que não busca, pois, além de dar trabalho e ser desgastante, ele pode nunca encontrar: “Fora com o homem que está sempre buscando, porque ele nunca encontrará; pois ele procura lá onde nada pode ser encontrado.”<sup>79</sup> (Tradução nossa).<sup>80</sup> Logo, um bom cristão deve simplesmente aceitar o que é dito na Igreja e pronto, sem questionar nada. Já para aqueles que pretendem fazer do Cristianismo um sincretismo filosófico, diz o bispo, “Não queremos nenhuma disputa curiosa após possuímos Jesus Cristo, nenhuma inquisição após desfrutarmos o evangelho! Com a nossa fé, nós não queremos outra crença”<sup>81</sup> (tradução nossa)<sup>82</sup>. O curioso é que mais tarde, por volta do ano 210, Tertuliano abandona o Cristianismo e adere ao Montanismo (doutrina do profeta Montanus). Daí, ele inverte os papéis e passa a atacar a Igreja ortodoxa em defesa de sua nova seita herética.

Parece que as obras de Irineu e de Tertuliano não foram suficientes para por fim às heresias gnósticas. Um pouco mais tarde, o teólogo Hipólito de Roma [170-235] publica em dez volumes a *Philosophumena* (comumente chamada de *Refutação de Todas as Heresias*). Nessa obra – escrita por volta da primeira metade do século III d.C. – Hipólito denigre a reputação dos hereges mostrando que eles não passam de κλεψιλόγοι (plagiadores) da filosofia grega pagã<sup>83</sup>. O mais impressionante é que Hipólito qualifica todas as heresias como não cristãs e tenta provar isso<sup>84</sup>. Ao estabelecer uma ligação das práticas filosóficas com as heresias, o bispo de Roma nega sistematicamente qualquer conexão verdadeira destas com as Escrituras Sagradas. Segundo ele há sim conexões, mas somente com o paganismo. No último livro de sua obra Hipólito defende, assim como Irineu, que existe uma “verdade canônica” (του τῆς ἀληθείας κανόνα...) que deve ser seguida<sup>85</sup>. Mas, pode-se dizer que sua “regra” não trouxe grandes novidades com relação aos Pais da Igreja que o antecedeu.

---

<sup>77</sup> *De praescriptione haereticorum*, 7. (DONALDSON, 1918, vol.3).

<sup>78</sup> What indeed has I Athens to do with Jerusalem? What concord is there between the Academy and the Church? What between heretics and Christians?

<sup>79</sup> *De praescriptione haereticorum*, 11. (DONALDSON, 1918, vol.3).

<sup>80</sup> Away with the man who is ever seeking because he never finds; for he seeks there where nothing can be found.

<sup>81</sup> *De praescriptione haereticorum*, 7. (DONALDSON, 1918, vol. 3).

<sup>82</sup> We want no curious disputation after possessing Christ Jesus, no inquisition after enjoying the gospel! With our faith, we desire no further belief.

<sup>83</sup> Cf. REF 1, cont., 11. (HIPPOLYTUS, 1869).

<sup>84</sup> Cf. REF V, 7, 8. (HIPPOLYTUS, 1869).

<sup>85</sup> Cf. REF X, 5, 2. (HIPPOLYTUS, 1869).

Outro importante escritor da Igreja, o cronista Eusébio de Cesárea, também publica em dez volumes uma obra unânime de título *História Eclesiástica*. Nessa obra Eusébio fornece um panorama desde o início da era apostólica até sua presente época. Sua orientação é extremamente ortodoxa. Ele se opõe claramente a qualquer tipo de heresia que venha abalar o entendimento da fé. Alguns estudiosos<sup>86</sup> criticaram a confiabilidade dos relatos históricos fornecidos por Eusébio acerca da relação entre cristãos ortodoxos e hereges. Eles consideram suas narrativas inexatas e tendenciosas.

Neste mesmo ambiente hostil, Atanásio de Alexandria – tido como o primeiro arcebispo da Igreja a listar os vinte e sete livros que compõe hoje o Novo Testamento – a fim de defender sua fé ortodoxa opõe a todos os hereges gnósticos e suas obras, ordenando a queima de todos os livros apócrifo. Em uma carta festiva escrita por volta de 367 d.C (originalmente em grego e traduzido para o copta) endereçada aos monastérios coptas, no Egito, o bispo de Alexandria escreve:

Porque estes apócrifos são mitos; e é coisa vã lhes prestar atenção, porque eles são de vozes vazias e abomináveis, pois eles são inícios de revolução. A intenção deles é fazer com que os indivíduos disputem entre si, não buscando o que é útil para a Igreja, mas desejando receber elogios daqueles aos quais enganam. Logo, seu objetivo é produzir estórias novas para que estas sejam consideradas grandiosas. Portanto, é um dever para nós rejeitar tais livros, mesmo que, de fato, neles encontremos uma passagem que possa ser útil, no entanto, é melhor não confiar nela, pois provém da malícia daqueles que [...] <sup>87</sup>. (Tradução nossa) <sup>88</sup>.

Nessa carta é notório que o arcebispo de Alexandria fez uso da Epístola pseudo-Paulina de *1 Timóteo*<sup>89</sup> como um meio para justificar seus argumentos. Segundo ele, o próprio apóstolo Paulo (ou melhor, alguém que escreveu em seu nome) adverte os fiéis contra as objeções vãs de uma “falsa *gnosis*” supostamente pregada por cristãos heréticos: “Timóteo, guarda o depósito, evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa γνώσεως

---

<sup>86</sup> Cf. EHRMAN, Bart D. **Evangelhos Perdidos**. Tradução de Eliziane Andrade Paiva. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2008, p. 252.

<sup>87</sup> Códex B, *Fragment 4*, XXXIX, Carta 39 (A.D. 367), 17-26 [p. 178]. In: LEFORT, L. Th. **Athanase**: lettres festales et pastorales en copte. Louvain: Universitatis Catholicae Americae et Universitatis Catholicae Lovaniensis, 1955, p. 38 (Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium, vol. 150 e 151).

<sup>88</sup> Car les apographees sont des fables; c'est chose vaine que d'y preter attention, parce que ce sont des voix vaines et abominables, car elles sont des debuts de revolution. Pareille visee n'est qu'une chicane d'individus ne cherchant pas ce qui est utile a l'Eglise, mais desirant reevoyer les compliment de ceux qu'ils trompent; leur but est, en produisant des recits 'rieufs, qu'on prenne ceux-ci pour quelque chose de grandiose. Des lors, c'est un devoir pour nous de rejeter de tels livres; meme si, en fait, on y trouve un passage profitable, neanmoins il vaut mieux ne pas s'y fier, car c'est procede de la malice de ceux qui [...].

<sup>89</sup> Hoje os estudiosos sustentam que as epístolas pastorais 1 e 2 *Timóteo* não foram escritas por Paulo, mas por alguém que mais tarde se passou por Paulo. Tais cartas teriam sido forjadas com a intenção de fazer de Paulo um combatente de heresias gnósticas. Para saber mais sobre o assunto cf. EHRMAN, 2011, p. 271.

(conhecimento), pois alguns, professando-a, se desviaram da fé<sup>90</sup>. Ainda há mais. Nesse mesmo conjunto de cartas, Atanásio estipula a lista dos livros que deveriam ser lidos pelas comunidades de monges escolhendo, é claro, somente aqueles que lhe convinham<sup>91</sup>.

No final do século IV, o último grande defensor da ortodoxia foi Epifânio de Salamina [ca. 310/20-403]. Em sua mais famosa obra intitulada *Panarion* (também conhecida como *Contra Heresias*) ataca severamente todos os tipos de heresias que já haviam existido. Epifânio toma conhecimento de 80 seitas religiosas e as organiza e refuta cada uma delas.

Colocando em questão toda a singularidade das análises apresentada aqui, tivemos quase três séculos de subjugação e difamação em cima de uma minoria de judeus-cristãos-helenistas que propuseram métodos heterodoxos de interpretar o cristianismo. Mas, será que esses cristãos hereges mal-intencionados pretendiam realmente transmitir um ensino falso, perverso e criminoso para uma minoria de pessoas mal-intencionadas, como os Pais da Igreja declaravam? Além do mais, se suas ideologias teológicas são pecaminosas e cheias de falhas, por qual razão temê-las e destruí-las? Se destrói não é por que pode existir um fundo de verdade por trás de tudo isso? Ora, não cremos que possamos classificar todas as obras gnósticas como vazias de Deus, insinceras e destituídas de sentimentos; pelo contrário, aqueles que conseguirem absorver corretamente o conteúdo religioso desses livros encontrarão neles algo profundo, caloroso, esperançoso e confortador. Daí o nosso interesse em estudá-los, a fim de regatar o verdadeiro sentido espiritual do antigo cristianismo.

---

<sup>90</sup> 1 Tim 6, 20-21. (ARA).

<sup>91</sup> Para mais informações cf. EHRMAN, 200/2006, p. 46.

### 3 GNOSIS E GNOSTICISMO

O caminho que adotaremos neste capítulo consistirá, inicialmente, no exame dos termos “*gnosis*”, “gnóstico” e “gnosticismo”. Do grego, *gnosis* (γνῶσις) é um substantivo feminino traduzido de modo bem corriqueiro como “conhecimento”.<sup>92</sup> Já o vocábulo “gnóstico” e “gnosticismo” (ambos derivados da palavra “*gnosis*”) se aplicam ao grupo de cristãos que surgiram na metade do século II em diante apelidados pelos padres da Igreja como hereges. O adjetivo grego *gnostikos* (γνωστικός), embora aplicado estranhamente no contexto cristão como um título dado a uma pessoa, era utilizado antigamente para se referir a uma faculdade mental capaz de levar o homem a alcançar o conhecimento ou, tecnicamente falando, um nome dado às disciplinas de estudo.<sup>93</sup> Platão, por exemplo, em seu diálogo sobre a *Política* aplicou esse adjetivo para denotar duas espécies de ciência, uma prática, “e uma unicamente *gnostikén*” (την δε μόνον γνωστικὴν)<sup>94</sup>. No caso do substantivo “gnosticismo”, este é, por sua vez, uma palavra de origem bem mais tardia...

É importante salientar que o termo “gnosticismo” surgiu pela primeira vez não com os Pais da Igreja, mas no século XVIII com os franceses<sup>95</sup>. Achou-se conveniente utilizar esse termo para representar os movimentos religiosos esotéricos que proliferaram dentro e ao redor do cristianismo nos primeiros séculos. Mais tarde, em abril de 1966 foi realizado um colóquio entre vários estudiosos e acadêmicos na cidade de Messina, Itália, (conhecido como Colóquio de Messina) a fim de discutir as questões sobre as origens de tais movimentos. Apresentado na forma de teses, lá ficou definido o uso genérico do termo “gnosticismo” para se referir ao conjunto dos sistemas gnósticos dos séculos II e III.<sup>96</sup>

Após os primeiros estudos sobre as Escrituras Gnósticas de Nag Hammadi alguns autores afirmaram haver um consenso a respeito da unidade do gnosticismo achando válida a denominação de “gnósticos” e “gnosticismo” para se referir as religiões cristãs dualistas que surgiu naquele período.<sup>97</sup> No entanto, outros acreditam ser um erro reduzir o gnosticismo a uma curta definição do termo. Hoeller, por exemplo, afirma: “Definir gnosticismo como a

---

<sup>92</sup> LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert; MCKENZIE, Roderick; JONES, Henry Stuart. **A greek-english lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

<sup>93</sup> LAYTON, Bentley. **As Escrituras Gnósticas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 8.

<sup>94</sup> *Pol.*, 258e, 4-5 (PLATONIS, 1995).

<sup>95</sup> RUDOLPH, Kurt. **Gnosis: The Nature and History of Gnosticism**. Translation edited by Robert McLachlan Wilson. New York: Harper Collins Publishers, 1987, p. 56.

<sup>96</sup> RUDOLPH, Kurt. **Gnosis: The Nature and History of Gnosticism**. Translation edited by Robert McLachlan Wilson. New York: Harper Collins Publishers, 1987, p. 56.

<sup>97</sup> Cf. BIANCHI, Ugo. **The origins of Gnosticism: Colloquium of Messina**. Boston: E.J. Brill Academic Publishers, 1997.

soma de crenças de certas ‘seitas do segundo século’, que eram ‘dualistas e que rejeitavam o mundo’, não parece proveitoso, nem preciso.”<sup>98</sup> Da mesma forma ele sugere que o termo “*gnosis*” não deva ser utilizado para definir “o conhecimento dos mistérios divinos reservados a uma elite”<sup>99</sup>, pois tal definição só serviria como um argumento tendencioso para supressão das pretensões dos heresiólogos que viam as heresias do seu tempo como uma “perversão diabólica” totalmente digna de ser desprezível.<sup>100</sup>

### 3.1 O surgimento do gnosticismo

Mas, afinal, quando surgiu o gnosticismo? Ora, definir exatamente quando se deu o surgimento do gnosticismo é uma questão muito delicada que provoca dúvidas entre muitos estudiosos. Ainda hoje se buscam respostas mais sólidas sobre a origem dessas seitas e suas fontes primárias, visto que até então só podemos fazer considerações especulativas. O professor Craig Evans, a quem já me referir anteriormente, argumenta que o Gnosticismo “provavelmente não tenha surgido até o século II, e nenhum dos escritos que possuímos desse movimento, no todo ou em parte, data de período anterior à metade do século II.”<sup>101</sup> Já outros estudiosos apontam a origem do Gnosticismo em um período pré-cristão, e que foi mais tarde que esse sistema se harmonizou com os ensinamentos cristãos<sup>102</sup>.

Com relação ao desenvolvimento histórico do gnosticismo, o filósofo e professor alemão Hans Jonas<sup>103</sup>, por exemplo, irá apresentá-lo como um sincretismo religioso com forte influência da filosofia grega com raízes nas religiões babilônicas, egípcias e orientais da tradição iraniana, além de haver certos resquícios do ocultismo judaico e conexões com a mística Cabala.<sup>104</sup> O estudioso do Novo Testamento, Wilhelm Bousset, alega que o gnosticismo “é,

---

<sup>98</sup> HOELLER, Stephan A. **Gnosticismo**: Uma nova interpretação da tradição oculta. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005, p. 22.

<sup>99</sup> HOELLER, Stephan A. **Gnosticismo**: Uma nova interpretação da tradição oculta. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005, p. 22.

<sup>100</sup> HOELLER, Stephan A. **Gnosticismo**: Uma nova interpretação da tradição oculta. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005, p. 22.

<sup>101</sup> EVANS, Craig. **O Jesus Fabricado**: Como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes, São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 181.

<sup>102</sup> Cf. YAMAUCHI, Edwin M. **Pre-Christian Gnosticism: A Survey of the Proposed Evidences**. 2. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1983.

<sup>103</sup> Hans Jonas [1903-1993] foi um importante estudioso do Gnosticismo. Juntamente com o apoio de um dos maiores teólogos da atualidade, o professor Rudolf Karl Bultmann [1884-1976], Jonas desenvolveu um magnífico trabalho sobre o sistema gnóstico. Em seu livro *The Gnostic Religion* ele faz uma síntese histórica mostrando os principais tipos de pensamento gnóstico, seus símbolos, suas relações com a cultura grega, com o hermetismo, com o Maniqueísmo, com o Nilismo, com o existencialismo, etc. (Cf. JONAS, 2005).

<sup>104</sup> JONAS, Hans. **The gnostic religion: the message of the alien God & the beginnings of Christianity**. 3rd ed. Boston: Beacon Press, 2005, p. 33.

antes de tudo, um movimento pré-cristão, com raízes próprias. Deve ser entendido, portanto (...) em seus próprios termos, e não como ramo ou subproduto da religião cristã.”<sup>105</sup> James Robinson, editor e tradutor de *A Biblioteca de Nag Hammadi*, em concordância com Bousset, nega a raiz cristã do gnosticismo ao assegurar que os escritos gnósticos, embora pareçam indicar uma origem cristã, na verdade oferecem notadamente “um estilo não cristão”<sup>106</sup>. Foucault, por sua vez, trata o gnosticismo como sendo derivado de movimentos platônicos. Isso por que, segundo ele, “conhecimento do *ser* e reconhecimento de si constituem uma única e mesma coisa”.<sup>107</sup> O professor britânico de História das Religiões em Harvard, Arthur Darby Nock, por outro lado, fala do gnosticismo como uma espécie de “platonismo descontrolado”<sup>108</sup>, pois eis que o mesmo funde componentes judaicos com a filosofia grega. Já o estudioso M. Friedlander sustenta que o gnosticismo se originou de um grupo de rabinos do século I e III.<sup>109</sup>

Observem que não há um consenso entre os estudiosos modernos sobre a origem exata do gnosticismo. Porém, fica claro que esse sistema não é uma invenção diabólica, como dirão os Pais da Igreja, da mente perversa de cristãos. O que sabemos é que na metade do século II o gnosticismo já era uma crença forte e bem aceita em várias comunidades. Há quem acredita ainda que a *gnosis* imperava assiduamente nos ensinamentos dos primeiros cristãos. Walter Bauer<sup>110</sup>, por exemplo, nos mostra que *A Epístola de Barnabé* (vista por muitos como uma obra literária de cunho canônico<sup>111</sup>), escrita após a destruição do templo de Herodes (por volta do ano 70 d. C) e não depois da expulsão dos judeus de Jerusalém pelo Imperador Adriano (em torno de 135), (cujo autor supostamente seria Barnabé, companheiro e colaborador do apóstolo Paulo<sup>112</sup>) descreve que Cristo, após sua ressurreição, teria transmitido a *gnosis* a Tiago, o Justo, a João e a Pedro e esses aos outros 70 apóstolos e discípulos do Cristo, sendo que um deles era Barnabé.<sup>113</sup> Na carta, o autor ainda diz àqueles a quem ele escreve: “Tenho me

---

<sup>105</sup> BOUSSET apud PAGELS, Elaine H. **Os evangelhos gnósticos**. Tradução de Maria Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. xxxiii.

<sup>106</sup> ROBINSON, James M. **A Biblioteca de Nag Hammadi**. Tradução de Teodoro Lorent. 2.ed. - São Paulo: Madras, 2007, p. 22.

<sup>107</sup> FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 312.

<sup>108</sup> NOCK, A. D. **Early Gentile Christianity and Its Hellenistic Background**. New York: Harper & Row, 1994, xvi.

<sup>109</sup> FRIEDLÄNDER apud PAGELS, Elaine H. **Os evangelhos gnósticos**. Tradução de Maria Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, xxxiv.

<sup>110</sup> BAUER, Walter. **Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity**. Translation by Robert A. Kraft and Gerhard Kroedel with a team from the Philadelphia Seminar on Christian Origins. Philadelphia: Copyright Fortress Press, 1971, p. 20.

<sup>111</sup> Uma cópia da *Epístola de Barnabé* encontra-se presente nos manuscritos Sinaíticos do Novo Testamento.

<sup>112</sup> Cf. At 9, 27.

<sup>113</sup> Cf. *Clemente de Alexandria, Stromates* 5, 63, 1-6 apud EUSÉBIO, *História Eclesiástica* 2, 1, 4.

apressado, então, para lhes enviar uma breve carta, para que tenhas o conhecimento (*gnosis*) perfeito (*téleios*) para acompanhar a sua fé.”<sup>114</sup> (Tradução nossa).<sup>115</sup> Para Bauer<sup>116</sup>, os vestígios em Barnabé seriam um indício de que o gnosticismo teve seu início em Alexandria, bem antes da consolidação da ortodoxia.

Adiante das suposições modernas, os Pais da Igreja, num primeiro momento, apontam para o período apostólico o surgimento do gnosticismo e de todos os chamados “gnósticos”. Segundo nos contam as fontes patrísticas, Simão, o Mago Samaritano teria sido o “pai de todos os Hereges”, o primeiro a introduzir neste mundo doutrinas “ímpias e irreligiosas.”<sup>117</sup> Diz Irineu que “todos os que adulteram de alguma forma a verdade e lesam a doutrina da Igreja são discípulos e seguidores de Simão, o mago.”<sup>118</sup> Seguindo a tradição de seus antecessores, Eusébio em um comentário na sua História Eclesiástica aponta Simão Mago como o progenitor de todas as heresias: “Recebemos, pois por tradição que Simão foi o primeiro autor de toda heresia. Dele até hoje aqueles que, participando de sua heresia fingem a filosofia dos cristãos (...).”<sup>119</sup> Mas, quem foi este suposto homem que causou tanta turbulência na fé dos primeiros líderes da Igreja?

Fora as obras dos Pais da Igreja, possuímos pouquíssimas fontes disponíveis que falam sobre a vida e os ensinamentos de Simão. A mais antiga delas se encontra no livro canônico *Atos dos Apóstolos*<sup>120</sup> em uma rápida menção hostil. Na passagem, Simão aparece como um homem que ilude os povos da cidade de Samaria com suas artes mágicas, fazendo-lhes acreditar que ele possuía “o grande Poder de Deus”<sup>121</sup>. Diante das práticas dos apóstolos para o recebimento do Espírito Santo através da imposição das mãos, Simão oferece-lhes dinheiro em troca desse dom divino misterioso. Mais tarde, Simão é batizado pelo apóstolo Filipe e se converte ao cristianismo ortodoxo. Essa é a única fonte canônica sobre Simão. Outras referências que temos sobre a figura de Simão é um tratado da *Literatura Clementine* do século IV e o apócrifo *Atos de Pedro* (não considerado gnóstico) do século II. Neste último, em uma estranha menção, Simão aparece numa disputa de poder divino com o apóstolo Pedro. Acredita-

---

<sup>114</sup> *Epístola de Barnabé* I, 5, 4-5.

<sup>115</sup> ἔσπούδασα κατὰ μικρὸν ὑμῖν πέμπειν, ἵνα μετὰ τῆς πίστεως ὑμῶν τελείαν ἔχητε τὴν γνῶσι.

<sup>116</sup> BAUER, Walter. **Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity**. Translation by Robert A. Kraft and Gerhard Kroedel with a team from the Philadelphia Seminar on Christian Origins. Philadelphia: Copyright Fortress Press, 1971, p. 51.

<sup>117</sup> *AH* 2, Int. (IRENEU, 1995).

<sup>118</sup> *AH* 1, 27, 4. (IRENEU, 1995).

<sup>119</sup> *Hist. Ecl.* 2, 13, 6. (EUSEBIUS, 1929).

<sup>120</sup> *At* 8, 9-29. (ARA).

<sup>121</sup> *At* 8, 10. (ARA).

se que Simão Mago escreveu dois tratados: *Os Quatro Quadrantes do Mundo* e *Os Sermões do Refutador*, hoje, ambos estão perdidos para nós.<sup>122</sup>

De acordo com os Pais da Igreja, depois da morte de Simão Mago várias escolas, grupos e seitas gnósticas surgiram trazendo implícitos as consequências da evolução metódica dos ensinamentos deste personagem cristão. Irineu vai dizer que tamanha era a quantidade de “gnósticos” que vieram depois de Simão que poderiam ser comparados a “cogumelos” que crescem para fora do solo.<sup>123</sup> Todavia, muito cuidado deve ser tomado aqui. Assim como quase todas as fontes sobreviventes sobre a vida e o pensamento de Simão Mago estão contidas nos tratados polêmicos da antiga ortodoxia cristã, as diferentes fontes para obter informações sobre Simão contêm imagens bem diferentes dele. Orígenes, por exemplo, tem uma visão bem diferente de Simão Mago com relação aos outros Pais da Igreja. O mesmo não enxergava Simão como ameaça e, como tal, estava à vontade para discutir o número limitado de seus adeptos que não passavam de trinta seguidores no mundo inteiro:

Simão, o mago samaritano também queria atrair adeptos por meio da magia, e naquele momento, ele foi bem sucedido. Mas, agora, de todos os Samaritanos do mundo, não é possível, creio eu, encontrar trinta [de seus seguidores], e talvez eu tenha até um número exagerado. Há muito poucos na Palestina, enquanto que no resto do mundo, ele não é mencionado, embora sua ambição fosse de espalhar sua fama por todo lugar. Quando seu nome é mencionado, ele vem dos Atos dos Apóstolos, e as únicas pessoas que falam dele são os cristãos, enquanto os fatos manifestamente testemunhou que não havia nada de divino sobre Simão.<sup>124</sup> (Tradução nossa).<sup>125</sup>

Eusébio<sup>126</sup> também aponta que a conspiração de Simão Mago e dos outros que surgiram naquele tempo apostólico não durou muito tempo parando imediatamente durante o reinado do imperador Cláudio [41-54], após Simão Pedro ter proclamado em Roma a luz e a salvação das almas pregando o reino dos céus: “Assim, quando a palavra divina estabeleceu-se entre os romanos, o poder de Simão foi extinto e pereceu de imediato, juntamente com ele

---

<sup>122</sup> HOELLER, Stephan A. **Gnosticismo**: Uma nova interpretação da tradição oculta. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005, p. 104.

<sup>123</sup> *AH*, 1, 29, 1. (IRENEU, 1995).

<sup>124</sup> *Contra Celsus* 1, 58 (ORIGEN, 1953).

<sup>125</sup> Simon the Samaritan magician also wanted to draw away some folk by magic, and he succeeded in his deception at the time. But now of all the Simonians in the world it is not possible, I believe, to find thirty, and perhaps I have exaggerated the number. There are very few in Palestine, while in the rest of the world he is nowhere mentioned, though his ambition was to spread his fame throughout it. Where his name is mentioned, it comes from the Acts of the Apostles, and the only people who speak of him are Christians, while the facts manifestly witnessed that there was nothing divine about Simon.

<sup>126</sup> O relato de Eusébio é com referência ao livro *Hypotyposes* de Clemente de Alexandria, uma obra perdida encontrada apenas em fragmentos, onde Eusébio a adotou em sua *História Eclesiástica*.

próprio”<sup>127</sup>. Hoje é questionável se Simão de *Atos dos Apóstolos* seria de fato o mesmo Simão gnóstico mencionado pelos Pais da Igreja.

Observa-se também que os Pais da Igreja não sabem dizer quando exatamente se deu a origem das seitas heréticas. Os mesmos se contradizem de maneira flagrante ao apontá-las em um momento tardio, longe do período apostólico. Irineu, por exemplo, afirma que antes de Valentino [100-160] e seus seguidores, os valentianos, e antes de Marcião [c. 140] e seus seguidores, os marcionistas, essas heresias não existiam<sup>128</sup>. Clemente de Alexandria também atribui a origem das seitas heréticas a um momento tardio da Igreja, depois dos ensinamentos de Jesus e do ministério de Paulo terminando com Nero vindo a surgir mais tarde no tempo do imperador Adriano [117-138] e continuando mais tarde até a época de Antonino Pio [138-161]<sup>129</sup>.

Em suma, embora não temos acesso ao ponto histórico inicial exato do surgimento do gnosticismo, acreditamos que a base primordial dessa doutrina começou a partir do momento em que a humanidade começou a buscar um sentido espiritual para si mesma. Ora, na opinião dos melhores especialistas do assunto, a *gnosis* nasce de uma busca incessante do homem pela origem do mal no mundo e, por assim dizer, as obras que compõem esse sistema se ocupam quase totalmente em dar uma resposta para esse grande mistério.

### 3.2 A salvação pela *gnosis*

Se para os Padres ortodoxos dos primeiros séculos do cristianismo o único caminho que aproximaria o homem de Deus é a fé na Igreja Católica – pois “fora da Igreja não há salvação”<sup>130</sup> – para os gnósticos a humanidade encontrará Deus a partir do momento em que começar a buscá-lo dentro de si mesmos. Para os gnósticos, a busca do homem pela salvação vem não pela fé institucionalizada pelas Igrejas, mas por meio da *gnosis*. Ora, o termo γνῶσις (conhecimento) em seu sentido mais amplo se refere não a um tipo de conhecimento superior que é alcançado por meio da experimentação empírica ou por fenômenos externos, mas um conhecimento de certo caráter intuitivo que leva o homem à busca de sua natureza divina. Para certos grupos de gnósticos, o objetivo da *gnosis* é conduzir a alma ao conhecimento de **“quem somos e o que nos tornamos; onde estávamos e para onde vamos (...) para onde**

---

<sup>127</sup> *Hist. Ecl.*, 2, 4, 1. (EUSEBIUS, 1929).

<sup>128</sup> *AH*, 3, 4, 3. (IRENEU, 1995).

<sup>129</sup> *Cf. Stromata VII, XVII.*

<sup>130</sup> Frase lançada pelo bispo Cipriano (?-258) (*Correspondance*, 4, 4) e mais tarde retomada por Agostinho em sua polêmica contra os donatistas.

**partimos apressados; do que estamos sendo libertados; o que é nascimento e o que é renascimento (ἀναγένεσις)**<sup>131</sup>. Assim, o “gnóstico” é aquele que busca conhecer a si mesmo, a sua verdadeira origem e o seu verdadeiro destino.

Os primeiros cristãos também falavam da *gnosis* como um meio de aperfeiçoamento do homem quando este busca atingir a Deus. Clemente de Alexandria, por exemplo, vai dizer que “pela *gnosis* se aperfeiçoa a Fé, de sorte que unicamente por ela alcança o fiel sua perfeição”<sup>132</sup>. Segundo ele, de todas as doutrinas, a maior consiste em conhecermos a nós mesmos, pois “quando o homem se conhecer a si mesmo, conhecerá também a Deus”<sup>133</sup>. Monôimo, um sábio gnóstico descrito por Hipólito como sendo um seguidor de Tatiano, seguindo os passos de Clemente vai dizer em sua carta dirigida a Teofrasto:

Omitindo a buscar a Deus, a criação e coisas semelhantes a estas, procura-o dentro de ti mesmo (*apo heautou*) e aprende quem realmente é se apropria de tudo que há em ti [...] E aprende de onde provém o afligir-se e o alegrar-se, o amar e o odiar, [...] e quando tiveres investigando estas [coisas] cuidadosamente, dizem eles, encontrará [Deus], a unidade e pluralidade, dentro de ti mesmo [...]<sup>134</sup>. (Tradução nossa).<sup>135</sup>

Curioso é que mais tarde o filósofo Plotino [204-270], apoiando-se na *gnosis* e no princípio ético grego do “conhece-te a ti mesmo” (γνώθι σεαυτόν), ensina como se busca o divino dentro de si mesmo em um tom poético:

Volta-te para dentro de ti e olha: se ainda não vês a beleza em ti, fazes como o escultor de uma estátua, que deve tornar-se bela: ele, ora, tira um fragmento, ora aplica o cinzel, ora pule, ora limpa o pó, a fim de extrair um belo vulto do mármore. Como ele, tira o supérfluo, endireita o que está torto, clareia o que é fosco, até torná-lo brilhante, e não cesses de esculpir a tua própria estátua, até que a centelha divina da virtude se manifeste e vejas a temperança sentar-se num trono sagrado.<sup>136</sup>

Assim também Agostinho de Hipona que, embora domado pela fé na ortodoxia, fala da busca do homem pela interioridade de modo semelhante aos gnósticos: “*Noli foras ire, in*

---

<sup>131</sup> *Trechos de Theodotus*, 78, 2 apud PAGELS, Elaine H. **Os evangelhos gnósticos**. Tradução de Maria Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. xxi. (negrito nosso).

<sup>132</sup> *Strom.*, VII, 10, 55, 1. (CLEMENT, 1869)

<sup>133</sup> *Pedag.*, III, I. (CLEMENT, 1869).

<sup>134</sup> *REF VIII*, 8, 1s. (HIPPOLYTUS, 1869).

<sup>135</sup> Omitting to seek after God, and creation, and things similar to these, seek for Him from (out of) thyself, and learn who it is that absolutely appropriates (unto Himself) all things in thee [...] And learn from whence are sorrow, and joy, and love, and hatred, and involuntary wakefulness [...] and if," he says, " you accurately investigate these [points], you will discover [God] Himself, unity and plurality, in thyself [...].

<sup>136</sup> *Enéadas*, I, 6, 9. (JÚNIOR, 2006).

*teipsum redi; in interiore homine habitat veritas*” (Não saias para fora, volta-te para o teu interior. A verdade habita no interior do homem).<sup>137</sup>

Podemos observar que o grande potencial da *gnosis* é o reconhecimento da unidade divina dentro de cada ser: “é na Unidade (Mônada) que cada um alcançará a si mesmo”<sup>138</sup>. Para os gnósticos, esse seria o único meio do homem se libertar da dor e do sofrimento, conquistando com isso a salvação. No entanto, essa salvação não é coletiva e indireta, mas individual. De acordo com os gnósticos, a salvação requer uma busca íntima, solitária e particular da Mônada divina dentro de si. Um exemplo disso pode ser visto no *Evangelho de Tomé*, onde Jesus diz aos seus discípulos: “Abençoados sois os solitários e eleitos, pois vós encontrareis o reino. Pois vós pertenceis a ele, e a ele retomarás”.<sup>139</sup>

Não podemos, porém, cair no erro de achar que tal experiência individual significa uma total abstinência de qualquer tipo de ajuda externa. Não se trata de uma busca egoísta totalmente espontânea. A prática da *gnosis* é afastar o pecado de si, para que o ser possa se conhecer e se dirigir de volta ao Divino; é aí que se dá a salvação. Quem descobre interiormente a si mesmo, ainda no estado encarnado, descobre simultaneamente a sua realidade divina e este retorna ao Todo, pois é na *gnosis* que se realiza o *telos* escatológico, onde o “reino dos céus” não é um evento futurístico real esperado na história, como diriam os ortodoxos, e sim um estado íntimo aonde o espírito habita em toda a sua Plenitude. Conhecendo a nós mesmos, reconheceremos a nossa filiação divina:

Jesus disse: Se aqueles que vos guia vos disserem: ‘Olhai, o reino está no céu’, então os pássaros do céu vos antecederão. Se eles vos disserem, ‘Está no mar’, então os peixes vos antecederão. Indubitavelmente, o reino está dentro de vós (cf. Lc 17, 21), e está fora de vós’. Quando virdes a vos conhecer, então vós vos tornareis conhecidos, e notareis que sois vós os filhos do pai vivo (...).<sup>140</sup>

Por outro lado, o homem que não conhece a si mesmo permanece na condição de pobreza, mergulhado no pecado e em sua própria miséria: “Porém, se vós não vos conheceis, vós habitais em miséria e sois vós que sois essa miséria”<sup>141</sup>. Quem desconhece a si mesmo desconhece também o Todo: “aquele que não conhece a si mesmo tem aprendido nada, mas aquele que conhece a si mesmo tem ao mesmo tempo já alcançado o conhecimento sobre a

---

<sup>137</sup> *A Verdadeira Religião*, 1, 39, 72. (SANTO AGOSTINHO, 2002).

<sup>138</sup> *O Evangelho da Verdade* (NHC) I-II, 25. (ROBINSON, 2007).

<sup>139</sup> *O Evangelho de Tomé* (NHC) II (49), 41, 27-30. (ROBINSON, 2007).

<sup>140</sup> *O Evangelho de Tomé* (NHC) II (3), 32, 19-33, 5. (ROBINSON, 2007).

<sup>141</sup> *O Evangelho de Tomé* (NHC) II (3), 32, 19-33, 5. (ROBINSON, 2007).

profundeza de tudo”<sup>142</sup>. Sem a *gnosis*, o homem permanece na ignorância (*αγνόημα* = não conhecimento) - que é a ignorância das realidades espirituais.

Alguns dos aspectos de salvação para os gnósticos podem ser também comparado com o conceito da liberação dos budistas e hindus, como supôs Holler. É a ignorância de si mesmo - no sentido do homem não conhecer a sua verdadeira natureza espiritual - que gera o pecado:

os gnósticos veem a salvação não do pecado (original ou de outro), mas da ignorância de que o pecado é a consequência. Aqueles que conhecem o Divino através da *gnose* afastam todo o pecado, enquanto os que não praticam a *gnose* nada podem, a não ser persistir nas transgressões. A ignorância- que significa ignorância das realidades espirituais - é dispersa pela *gnose*.<sup>143</sup>

Ora, o modo de enxergar o pecado como ignorância das coisas divinas vai de encontro com o significado grego da palavra “pecado”, *hamartia* (*αμαρτια*), que quer dizer “errar o alvo”, “não atingir o objetivo” (a “falta trágica” dos épicos gregos) que, por sua vez, traz o mesmo significado do hebraico *hata'th*. Assim, aquele que permanece preso aos desejos da carne e às paixões da alma permanece afastado de sua realidade espiritual, como diria o apóstolo Paulo: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado (*αμαρτιαν*)”<sup>144</sup>.

Mas, como o pecado entrou no mundo? Os gnósticos partem do pressuposto do mito da queda de uma figura mítica chamada *Sophia* (Sabedoria), uma partícula de luz que habita na plenitude celestial. Ao desejar criar algo à semelhança de si mesma sem ter tido a permissão de sua contraparte masculina, *Sophia* acaba provocando uma quebra de harmonia que existia até então. Como que em um ato abortivo, de dentro dela é gerado um produto inferior e imperfeito (*ἀτέλειστον*) – o Demiurgo (no *Apócrifo de João*<sup>145</sup> ele é chamado de *Ialtabaoth*, identificado com o Deus Criador do Antigo Testamento). Em virtude deste ocorrido, temos a origem do mundo psíquico das trevas. Esse deus chefe (*Ialtabaoth*), com a ajuda dos anjos e das autoridades (*Arcontes*) que governam dentro de si (talvez aqui esteja o porquê do significado da palavra hebraica *אלהים* (*elohim*)) tentou criar um protótipo de homem (Adão) à ima-

---

<sup>142</sup> *O Livro de Tomé, o Contendor* (NHC) II, 138, 18. (ROBINSON, 2007).

<sup>143</sup> HOELLER, Stephan A. **Gnosticismo**: Uma nova interpretação da tradição oculta. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005, p. 33.

<sup>144</sup> Rm 7, 14. (ARA).

<sup>145</sup> Cf. *O Apócrifo de João* é considerado uma das obras mais importante do gnosticismo. Ele narra de forma mitológica a origem, a queda e a salvação da humanidade. Esse livro resgata a crença gnóstica de que Jesus depois de sua ressurreição teria ensinado aos iniciados a doutrina secreta dos mistérios do reino dos céus, a qual os gnósticos acreditavam possuí-la. Ele é objeto de nossa pesquisa posterior.

gem e semelhança deles e das realidades celestiais (*aeons*)<sup>146</sup>, na qual resultou em uma mera paródia<sup>147</sup>. Daí então os anjos e demônios passaram a governar a alma do homem. Mas, a mãe-*Sophia*, ao desejar recuperar parte do seu poder luminoso que tinha transferido a seu filho abortivo, provoca a inveja dos *Arcontes* e do seu chefe *Ialtabaoth* que juntos armam planos para manter o homem na ignorância impedindo-o de conhecer o verdadeiro Deus, o Pai da Totalidade. Uma luta contínua é iniciada entre os “poderes das trevas” com os “poderes da luz” pela posse da partícula divina presente no homem. O homem-psíquico é então aprisionado pelos poderes do mal em corpos materiais para que, através do desejo sexual, as partículas de luz sejam espalhadas na terra dificultando, assim, o retorno delas ao Pleroma.

O mito gnóstico da queda de *Sophia* simboliza exatamente o momento em que a humanidade (*ánthropos*) entra no erro. Mas, como podemos nesse mundo sair da ignorância e atingir a salvação? Através do conhecimento (*gnosis*) proveniente dos ensinamentos *apócrifos* de Jesus. Segundo os gnósticos, o Salvador foi enviado dos céus pelo seu Pai justamente para livrar o homem das garras perversas do deus Criador e promover a salvação da humanidade através da *gnosis*. Por isso, para acabar com a ignorância e a deficiência e chegar à perfeição, o iniciado precisa conhecer a si mesmo:

Assim como, no caso da ignorância de uma pessoa, quando ela chegar a obter o conhecimento (*gnosis*), a sua ignorância desaparecerá por si mesma, assim como a escuridão desaparece quando aparece a luz, como também a deficiência desaparece diante da perfeição.<sup>148</sup>

Nisso consiste, segundo os gnósticos, a verdadeira redenção: “A redenção perfeita é o conhecimento da grandeza inefável; as coisas que derivam da ignorância, da degradação e da paixão (*pathos*), todo o conjunto da ignorância é dissolvido pela *gnosis*. (...) esta é a verdadeira redenção”<sup>149</sup>.

Para muitos gnósticos a autoignorância é também um tipo de autodestruição. Quem não compreende a si mesmo está fadado ao aniquilamento. Esse preceito se encontra, por

---

<sup>146</sup> No platonismo, *αἰών* ou “*aeon*” (eternidade) representa a imagem do ser vivo inteligente (imóvel, idêntico a si mesmo e não sujeito ao devir) que se encontra no mundo das ideias. No *Timeu*, por exemplo, Platão considera *αἰών* uma qualidade inerente aos seres vivos inteligíveis (*Tim.*, 37d) que serviu de modelo para o Demiurgo criar o mundo sensível como imagem e imitação do mundo inteligível (*Tim.*, 28a; 29a-b; 30c; 31b). No *Corpus Hermeticum* XI, por exemplo, *αἰών* é o próprio Deus (*Corpus Henn.* XI, 20). Já no gnosticismo, *αἰών* é multiplicado em uma série de *seres divinos que constituem o pleroma emanante do Princípio Supremo originário*. Em outras palavras, *αἰών* é o que sempre existiu, o que é indestrutível, incorruptível e imutável. No contexto cristão eles podem ser definidos como *a semente imanente do Pai depositada em nós*.

<sup>147</sup> Cf. KING, Karen L. **The Secret Revelation of John**. Cambridge, Massachusetts, and London, England: Harvard University Press, 2006, p. 91.

<sup>148</sup> *O Evangelho da Verdade* I-II, 24, 32; 25, 3. (ROBINSON, 2007).

<sup>149</sup> *AH*, 1, 21, 4. (IRENEU, 1995).

exemplo, no *Diálogo do Salvador* quando o autor adverte a seus ouvintes que se eles não compreendem como o cosmo veio a existir, eles perecem com ele (o cosmo).<sup>150</sup> É lógico que se trata aqui de um simbolismo, pois o que está em jogo é o tratamento que se dá à *psique* (alma) que possui tanto o poder de se libertar como de se destruir. Tal reflexão aparece enfatizada no *Evangelho de Tomé*, quando Jesus diz a seus discípulos: “Aquilo que vós possuís vos salvará se trouxeres de dentro de vós. Aquilo que não possuís dentro de vós vos matará se não tiverdes dentro de vós”<sup>151</sup>.

O entendimento dos gnósticos com relação à salvação pela *gnosis* se viu, por um lado, ameaçada pelos Pais da Igreja. Para eles, acreditar em tais absurdos seria uma degradação, uma perversão da fé verdadeira em Jesus Cristo. Porém, os gnósticos tinha uma resposta para aqueles que achavam conhecer Cristo:

Mas, para aquele que estiver [na] ignorância, será difícil diminuir seus labores de [trevas] que tenha realizado. [...] Os néscios - pensando [em] seus corações [e que] se confessam, "Somos cristãos", apenas em palavras (mas) não com o poder, enquanto se entregam à ignorância, à morte humana, sem saber para onde estão indo, e quem é Cristo verdadeiramente, pensando que viverão, quando estão (realmente) no erro [...].<sup>152</sup>

Os ensinamentos sobre a *gnosis* que vimos aqui são apenas parte de uma vasta gama de conhecimento sobre o que apresenta o gnosticismo. As fontes literárias mais completas da doutrina dos gnósticos, caso o leitor queira aprofundar mais nesses assuntos, encontram-se preservadas na *Biblioteca de Nag Hammadi*. Nela está presente a maior e a mais importante coleção de textos Apócrifos, livros dos quais se serviam os vários grupos de judeus-cristão-helenísticos do início do cristianismo como fundamento religioso e filosófico.

### 3.3 O renascimento do interesse pelo gnosticismo na modernidade e contemporaneidade

Mesmo com os esforços da Igreja Católica para destruir todos os gnósticos e suas doutrinas, os resquícios desse sistema prevaleceu vivo na história (embora de maneira distorcida, como no caso do Maniqueísmo<sup>153</sup> e, mais tarde, na Alta Idade Média, com as heresias dos cátaros entre meados dos séculos XII e XIII no sul da França e na Itália, vindo a ser elimina-

<sup>150</sup> Cf. *O Diálogo do Salvador* (NHC) III, 134, 1-22.

<sup>151</sup> *O Evangelho de Tomé* (NHC) (70) II, 45, 30-33. (ROBINSON, 2007).

<sup>152</sup> *O Testemunho da Verdade* (NHC) IX, 31, 22; 32, 8. (ROBINSON, 2007).

<sup>153</sup> Religião fundada pelo profeta Mani em 242 (cf. NUNES, 2003, p. 35) o Maniqueísmo converge elementos gnósticos, cristãos, budistas e zoroastrianos. Um dos personagens da história que foi maniqueísta, e que depois se converteu ao cristianismo ortodoxo, foi Agostinho, Bispo de Hipona.

dos após uma cruzada<sup>154</sup>). Pode-se dizer que o gnosticismo, na verdade, nunca desapareceu por completo no Ocidente. Mais tarde nos séculos XIX e XX as portas para novas hermenêuticas sobre esse movimento se abriram de modo esplêndido ao despertar o interesse de grandes pensadores da modernidade e contemporaneidade, vindo até mesmo contribuir para o surgimento de algumas doutrinas filosóficas e religiosas.

No final do século XIX, com o advento da psicanálise, uma forte busca por problemas relacionados à psique humana (em especial, a concepção dualista sobre mente e corpo) despertou o interesse de muitos estudiosos sobre o assunto. Freud [1856-1939] com sua teoria da alma desenvolveu grandes e importantes estudos sobre os conteúdos do inconsciente, mas foi Jung [1875-1961] quem contribuiu para um estudo místico e mais simbólico sobre a compreensão da psicologia, onde a influência gnóstica se fez especialmente presente. Ao contrário do que pensava seu amigo e rival Freud, Jung buscou resolver os problemas da psique humana com base na religião, mais especificamente, no gnosticismo. Em suas famosas obras, a saber, *Psychological Types (Tipos Psicológicos)*, *Septem Sermones ad Mortuos (Sete sermões aos mortos)* e *Aion: Researches into the Phenomenology of the Self (Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo)* o psicanalista sueco, por exemplo, demonstra um profundo conhecimento dos ramos que compõe o gnosticismo (com destaque para o *Corpus Hermeticus* e a Alquimia). Ao assimilar as alegorias gnósticas com as imagens do inconsciente, Jung considerou que a chave para entender os mitos gnósticos era trazê-los para o interior de nós mesmos, algo que se manifesta como uma parte da psique humana. De forma brilhante ele associou as imagens espirituais (as quais os gnósticos chamam de Pleroma ou Homem Primordial) com o *self*. Este *self*, “representante da plenitude do ser dentro de um contexto individual, é único para cada indivíduo, e é formado pela integração do pequeno *self* ou ego, com o inconsciente.”<sup>155</sup> De modo semelhante ao que expõe os gnósticos em seus sistemas, o psicanalista percebeu que a potencialidade espiritual guardadas no inconsciente dos seres humanos “encerra uma fonte de revelações, de conhecimento intuitivo e, basicamente, do impulso para a plenitude.”<sup>156</sup> O acesso a esse componente espiritual, onde se desenvolve um diálogo ativo em nós através de símbolos, não se dá por meio de palavras, emoções ou sentimentos comuns. Ele é expresso, por exemplo, por meio de sonhos, visões e estados alterados de consciência que Jung deu o

---

<sup>154</sup> Cruzada Albigense.

<sup>155</sup> HOELLER, Stephan A. **A gnose de Jung e os Sete sermões aos mortos**. Tradução de Sandra Galeott e Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 81.

<sup>156</sup> HOELLER, Stephan A. **A gnose de Jung e os Sete sermões aos mortos**. Tradução de Sandra Galeott e Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 76.

nome de “experiências sincrônicas”.<sup>157</sup> Ele acostumava chamar os gnósticos de os primeiros psicólogos.<sup>158</sup> Ora, Jung é considerado um dos grandes responsáveis pela divulgação das Escrituras Gnósticas, sendo que o códex I da *Biblioteca de Nag Hammadi* foi intitulado de *códex Jung* em sua homenagem.

Junto a Jung temos um dos principais pioneiros dos estudos gnósticos, o professor e escritor George Robert Stowe Mead [1863-1933]. Mead, além de ter contribuído expressivamente com as principais obras de Jung publicou uma vasta coleção de livros na qual comenta, analisa e investiga a fundo os pontos principais do gnosticismo a fim de restaurar a essência e a originalidade do pensamento cristão primitivo que, segundo ele, pertencia aos gnósticos. Em sua mais famosa obra, a *Pistis Sophia*<sup>159</sup>, Mead, apresenta a tradução, comentários e notas da edição do documento copta MS que erroneamente leva esse nome.<sup>160</sup> Devemos nesse meio destacar também o professor alemão Gilles Quispel que, ao lado de Jung, dedicou longos e árduos anos de pesquisa em cima de importantes autores gnósticos (em especial, Valentino). Seu principal trabalho intitulado *Gnosis als Weltreligion*, Quispel vai de encontro aos modelos de Jung ao interpretar o gnosticismo como um profundo estudo do ser (ontológico), uma comparação moderna da psicologia analítica. Pode-se dizer que Quispel e Jung chegaram a uma conclusão: a psicologia profunda é a chave necessária para se compreender o gnosticismo em sua mais pura essência.

Outro importante estudioso do gnosticismo, o professor alemão e filósofo Hans Jonas [1903-1993], juntamente com o apoio de um dos maiores teólogos da atualidade, o professor Rudolf Karl Bultmann [1884-1976], desenvolveu um magnífico trabalho sobre o sistema gnóstico. Em seu livro *The Gnostic Religion* ele faz uma síntese histórica mostrando os principais tipos de pensamento gnóstico, seus símbolos, suas relações com a cultura grega, com o hermetismo, com o Maniqueísmo, com o Niilismo, com o existencialismo, etc.<sup>161</sup> Interessante é que, segundo Hans Jonas, para compreender verdadeiramente o gnosticismo o ser humano deve possuir uma espécie de sensibilidade interior, algo semelhante a um “ouvido musical”.<sup>162</sup>

---

<sup>157</sup> HOELLER, Stephan A. **A gnose de Jung e os Sete sermões aos mortos**. Tradução de Sandra Galeott e Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 76.

<sup>158</sup> HOELLER, Stephan A. **A gnose de Jung e os Sete sermões aos mortos**. Tradução de Sandra Galeott e Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Cultrix, 1995, 1995.

<sup>159</sup> MEAD, G.R.S. **Pistis Sophia**. London: John M. Watkins, 1921, xxi.

<sup>160</sup> O nome mais apropriado, segundo Mead, seria “Livro do Salvador”.

<sup>161</sup> Cf. JONAS, Hans. **The gnostic religion: the message of the alien God & the beginnings of Christianity**. 3rd ed. Boston: Beacon Press, 2005.

<sup>162</sup> JONAS apud HOELLER, Stephan A. **Gnosticismo: Uma nova interpretação da tradição oculta**. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005, p. 184.

É preciso certo “dom espiritual” para que a alma tenha acesso aos ensinamentos profundos dos mistérios da *gnosis*.

Foi também nesse mesmo ambiente histórico que algumas doutrinas religiosas de mistério surgiram trazendo consigo muito dos principais preceitos do pensamento religioso-filosófico gnóstico. Por exemplo, nos Estados Unidos a teosofia moderna ganhava vida pelas mãos da pesquisadora e escritora ucraniana Madame Helena Petrovna Blavatsky [1831-1891] que em 17 de novembro de 1875 funda a Sociedade Teosófica de Nova Iorque. Blavatsky publica duas importantes obras: *Isis Unveiled* (Isis sem véu) em 1877 e *The Secret Doctrine* (A doutrina secreta) em 1888 decomposta em seis volumes, em que ela revela as bases do sistema gnóstico ao expor suas ideias esotéricas, religiosas, científicas e filosóficas acerca do ocultismo antigo.<sup>163</sup>

Os mitos e temas gnósticos desenvolvidos nos apócrifos também aparecem com um estilo próprio no movimento artístico, poético, religioso, filosófico e político do final do século XVIII chamado de Romantismo.<sup>164</sup> Observa-se, por exemplo, traços marcantes do misticismo e do gnosticismo moderno (sobretudo sobre a questão da androgenia de Adão e Eva) no pensamento de alguns místicos famosos como Jacob Böhme, G. Gichtel e Gottfried Arnold.<sup>165</sup> Na verdade, muitos consideram o romantismo como um sistema filosófico baseado no gnosticismo, embora com algumas características próprias do modernismo, como a imaginação, o sonho, a fantasia e o sentimento.

Há que mencionarmos também as grandes influências que o gnosticismo exerceu na mente de notáveis filósofos dos séculos XIX e XX, principalmente no ocidente europeu. Encontramos, por exemplo, elementos da tradição hermética, bem como vários preceitos gnósticos retomados pelo romantismo na *Phänomenologie des Geistes* (Fenomenologia do Espírito) de Georg Wilhelm Friedrich Hegel [1770-1831]; conceitos esotéricos e teosóficos do ocultismo antigo na antroposofia do austríaco Rudolf Joseph Lorenz Steiner [1861-1925]; fragmentos antropológicos e cosmológicos da mística gnóstica no existencialismo de Martin Heidegger [1889-1976] (que, aliás, foi o professor e influenciador de Hans Jonas); assim como o

---

<sup>163</sup> É relevante observarmos que muitos consideram a teosofia de Blavatsky como uma doutrina fraudulenta. Alguns autores alegam que suas histórias não passam de um exagero, o que deu a ela o título de “senhora da descrença”. (Cf. Washington, 2000). As críticas feitas a Blavatsky e sua teosofia são enormes, principalmente sobre o seu temperamento conturbado e suas ideias extravagantes. Mas, muito dos seus relatos (como se vê no livro *O Babuíno De Madame Blavatsky*), a nosso ver, não passam de sensacionalismo, cujo fim é difamar sua figura juntamente com suas ideias.

<sup>164</sup> As raízes do romantismo estão inseridas no século XVIII, mas esse sistema alcançou um grande impacto no século XX na Alemanha.

<sup>165</sup> Cf. ELIADE, Mircea. **Mefistofeles e o andrógino**: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 105.

mito do simbolismo gnóstico nas obras políticas do filósofo alemão Eric Voegelin [1901-1985], a saber: a *New Science of Politics, Order and History* e *Science, Politics and Gnosticism*.<sup>166</sup> Quem também merece um reconhecimento no campo filosófico no que se referem os assuntos relacionados ao gnosticismo é Michel Foucault [1926-1984]. Em sua obra *A Hermenêutica do Sujeito*, o filósofo faz um elogio aos gnósticos mostrando que eles resgataram o tema platônico da reminiscência, ou seja, do aspecto que trata do cuidado de si e do conhecimento de si mesmo.<sup>167</sup>

---

<sup>166</sup> Para uma discursão mais completa sobre a relevância no gnosticismo na modernidade cf. ROBINSON, 2006, pp. 449-464.

<sup>167</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 312.

## 4 CONCLUSÃO

Levando-se em conta os argumentos observados nessa pesquisa, pode-se concluir que o fenômeno religioso gnóstico que se manifestou como um movimento judaico-cristão-helenístico nos primeiros séculos da era cristã trouxe grande transformação no curso da história humana. Mesmo ameaçado pela hegemonia da Igreja, o gnosticismo sobreviveu em nossa própria época trazendo novas e retomando as antigas perspectivas de interpretações das experiências espirituais do homem.

Mas, falar sobre o gnosticismo e das obras que compõe esse sistema não é uma tarefa fácil. Por isso nossa intenção aqui foi fazer apenas uma demonstração do que seria o esboço central dessa doutrina. Todavia, apesar de não aprofundarmos em determinados aspectos minuciosos desse sistema (o que faremos em outra obra que estamos produzindo), pode-se perceber o quão importante são as informações revelada neste “apócrifos”, vendo como é possível extrair deles conhecimentos válidos. Acreditamos que nossa meta terá se cumprido se fomos capazes de trazer para a reflexão certos conteúdos que muitos, embora ciente deles, não associaram ao sistema gnóstico.

Levando em conta esse aspecto, é curioso notar que até pouco tempo atrás as informações que tínhamos a respeito do gnosticismo, dos gnósticos e de suas obras era apenas citações e depoimentos presente nas obras dos primeiros Pais da Igreja. Foi nos séculos XVIII e XIX que alguns fragmentos de papiros antigos começaram a surgir e, somente em meados do século XX, pouco após o termino da segunda guerra mundial, que a maior coleção de manuscritos gnósticos foi descoberta e trazida ao publico de forma chocante, para alguns e eloquentes, para outros. Chocante para aqueles que acreditavam haver somente os textos compreendidos pelo cânone bíblico da Igreja; e eloquente para os que viam no cristianismo tradicional certas “falhas” e “incoerências” dos ensinamentos cristãos com certas práticas da Igreja. No entanto, o fato é que hoje podemos livremente desfrutar desse maravilhoso tesouro que são os textos gnósticos.

Observamos também em nossa pesquisa que é possível olhar para os livros apócrifos de outra forma, deixando de lado os preconceitos religiosos que nos impediram de compreendê-los e estudá-los. Mesmo o religioso devoto da ortodoxia cristã pode ver os gnósticos com outros olhos, não mais como farsantes e enganadores, mais sim como um grupo de pessoas que simplesmente quiseram mostrar uma perspectiva diferente sobre o entendimento dos valores éticos do ser humano. Talvez se nós nos conhecermos melhor, no sentido de aprofundar-

mos em nosso interior buscando aguçar a nossa percepção intuitiva, talvez descubramos, como alguns afirmam já terem descobertos, a verdadeira realidade do *Ser*.

## REFERÊNCIAS

- BAUER, Walter. **Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity**. Translation by Robert A. Kraft and Gerhard Kroedel with a team from the Philadelphia Seminar on Christian Origins. Philadelphia: Copyright Fortress Press, 1971.
- BARNSTONE, Willis; MEYER, Marvin. **The gnostic Bible**. Boston & London: SHAMBHALA, 2003.
- BIANCHI, Ugo. **The origins of Gnosticism**: Colloquium of Messina. Boston: E.J. Brill Academic Publishers, 1997.
- BLAVATSKY, H. P. **A Doutrina Secreta**: Síntese de Ciência, Filosofia e Religião, Vol 1: Cosmogênese. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1969.
- BLAVATSKY, H. P. **A Doutrina Secreta**: Síntese de Ciência, da religião e da filosofia, Vol 2: Simbolismo Arcaico Universal. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 16ª reimpressão, 2003.
- BLAVATSKY, H. P. **Isis unveiled**: a master-key to the mysteries of ancient and modern science and theology. Vol. 11: Theology. London: Bernard Quarith, 1877.
- BÍBLIA. Português. Almeida. 1989. **A Bíblia Sagrada**: Velho Testamento e Novo Testamento. Versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida (ARA), 2ª Impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 2002.
- CESÁREA, Eusébio de. **Historia eclesiástica**. Tradução de Luiz Aznar. Buenos Aires: Editorial Nova, 1950.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo**: história, filosofia e religião. Petropolis: Vozes, 2003.
- CLEMENT, of Alexandria, Saint,. **The writings of Clement of Alexandria**. vol 1. Edinburgh: T.&T. Clark, 1867.
- CREECH, David. **A Diachronic Analysis of the Use of Scripture in the Variant Versions of the Apocryphon of John**. Loyola University Chicago, 2011. 187f. Dissertation - Loyola University Chicago.
- DAVIDSON, Samuel. **The canon of the Bible**: its formation, history, and fluctuations. London: C. Kegan Paul, 1878.
- DAVIES, Stevan. **Gospel of Thomas and Christian Wisdom**. New York: The Seabury Press, 1983.

DOBSCHÜTZ, Ernst von., **Das Decretum Gelasianum de libris recipiendis et non recipiendis**. United States: Leipzig, J. C. Hinrichs, 1912.

DONALDSON, James. **The Ante-Nicene fathers**: translations of the writings of the fathers down to A.D. 325. Vol 3. New York: Charles Scribner 'S Sons. 1918. (Latin Chistianity: its founder, Tertullian).

EHRMAN, Bart D. **Evangelhos Perdidos**. Tradução de Eliziane Andrade Paiva. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2008.

EHRMAN, Bart D. **Forged**: Writing In The Name Of God - Why The Bible's Authors Are Not Who We Think They Are. New York: Harper Collins, 2011.

EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse?** quem mudou a bíblia e por quê. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Prestígio, 2005/2006.

EHRMAN, Bart D. **The Apostolic Fathers**: Epistle of Barnabas, Papias and Quadratus, Epistle to Diognetus, The Shepherd of Hermas. v.2. Edited and Translated by Bart D. Ehrman. London, Engand: Harvard University Press, 2003 (Loeb Classical Library, LCL 25).

ELIADE, Mircea. **Mefístofeles e o andrógino**: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

EUSEBIUS. **The Ecclesiastical Históry**. With an English Translation by Kirsopp Lake, D.D., D.Litt. Vol 1. London: William Heinemann (Harvard University Press), 1929.

EVANS, Craig. **O Jesus Fabricado**: Como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes, São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

FARIA, Jacir de Freitas. **Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos, poder e heresias!**: introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006,

GIBIN, Maucyr. **Tradição apostólica de Hipólito de Roma**: liturgia e catequese em Roma no século III. Petrópolis: Vozes, 1971.

HARPUR, Tom. **The Pagan Christ**: Is Blind Faith Killing Christianity OM. New Zealand: Allen & Unwin, 2005.

HENGEL, Martin. **The Septuagint as Chistian Scripture**: Its Prehistory and the Problem of Its Canon. Translated by Mark E. Biddle. New York: T&T Clark, 2002.

HIPPOLYTUS. **The Refutation of all Heresies**. Translated by The Eley. J. H. Macmahon, M.A. Edinburgh: T & T Lcark, 1867. (Ante-Nicene Chistian Library).

HOELLER, Stephan A. **Gnosticismo**: Uma nova interpretação da tradição oculta. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.

HOELLER, Stephan A. **A gnose de Jung e os Sete sermões aos mortos**. Tradução de Sandra Galeott e Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Cultrix, 1995.

IGREJA CATÓLICA.; JOÃO PAULO II, Papa,. **Catecismo da Igreja Católica**. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

IRENEU, Santo. **Contra as Heresias**: Denúncias e refutação da falsa gnose. Tradução Lourenço Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

JONAS, Hans. **The gnostic religion**: the message of the alien God & the beginnings of Christianity. 3rd ed. Boston: Beacon Press, 2005.

JUNG, C. G. **Psychological Types**. Translated by H. Godwin Baynes. New York: Pantheon Books, 1953.

JUNG, C. G. **A gnose de Jung e os Sete sermões aos mortos**. Tradução de Sandra Galeotti e Sonia Midori Yamamott. São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. **AION**: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Tradução de Dom Mateus Ramalho. Petrópolis: Vozes, 2011.

JÚNIOR, José Carlos Baracat. **Enéadas I, II e III**; Porfírio, Vida de Plotino: Introdução, tradução e notas. São Paulo: coleção UNICAMP, 2006. (Tese de Doutorado).

KARDEC, Allan. **A Gênese**: os milagres e as predições segundo o espiritismo. Tradução de Salvador Gentile . São Paulo: FEB, 36. ed., 2003.

KIDD, B. J. **History of the Church to A.D. 461**. Oxford: Clarendon Press, 1922.

KUNTZMANN, Raymond; DUBOIS, Jean-Daniel. **Nag Hammadi**: o Evangelho de Tomé: textos gnósticos das origens do Cristianismo. Tradução: Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1990.

LAMPER, Peter. **From Paul to Valentinus**: Christians at Rome in the First Two Centuries. Minneapolis: Fortress Press, 2003.

LAYTON, Bentley. **As Escrituras Gnósticas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LEFORT, L. Th. **Athanase**: lettres festales et pastorales en copte. Louvain: Universitatis Catholicae Americae et Universitatis Catholicae Lovaniensis, 1955 (Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium, vol. 150 e 151).

MACK, Burton L. **The lost gospel**: the book of Q & Christian origins. New York: HarperCollins Publishers, 1993.

MASONS, Steve. **Josephus, Judea, and Christian Origins**: Methods and Categories. United States of America: Hendrickson Publishers, 2009.

MEAD, G.R.S. **Pistis Sophia**. London: John M. Watkins, 1921.

MORALDI, Luidi Moraldi. **Evangelhos Apócrifos**. Tradução de Benôni Lemos e Patrizia Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 1999.

MORESCHINI, Claudio. **História da filosofia patrística**. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2008.

MEIER, John P. **A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus**. Vol. 4: Law and Love. New haven and london: Yale University Press, 2009.

METZGER, Bruce M. **The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance**. New York: Oxford University Press, 1987.

METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration**. Ney Work: Oxford University Press, 2005.

NOCK, A. D. **Early Gentile Christianity and Its Hellenistic Background**. New York: Harper & Row, 1994.

ORIGEN. **Homilies on Luke**. Translated by Joseph T. Lienhard. United States of America: The Catholic University of America Press, 1996 (Fathers of the Church Series).

ORIGEN. **Contra Celsum**. Translate with an introduction e notes by Henry Chadwick. London: Cambridge University Press, 1953.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PATTERSON, Stephen J; BETHGE, Hans-Gebhard; ROBINSON, James M. **The Fifth Gospel** New Edition. The Gospel of Thomas Comes of Age. New York: T&T Clark, 2011.

PAGELS, Elaine H. **Os evangelhos gnósticos**. Tradução de Maria Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PLATONIS. **Opera**: Euthyphro, Apologia Socratis, Crito, Phaedo, Cratylus, Sophista, Politicus, Theaetetus. Vol I. New York: Oxford University Press, 1995.

QUISPTEL, Gilles. **Gnosis als Weltreligion**. Horland: Origo Verlag Zürich, 1951.

ROBINSON, James M. Koptski Gnosticki Tekstovi: **Nag Hammadi Codices i Papyrus Berolinensis 8502**. San Francisco: Harper, 1990.

ROBINSON, James M. **A Biblioteca de Nag Hammadi**. Tradução de Teodoro Lorent. 2.ed. - São Paulo: Madras, 2007.

ROBERT, Adolphe et al. **Introdução à Bíblia**: introdução geral: Antigo Testamento. Tradução portuguesa do Instituto Teológico Pio XIV Vol 1. São Paulo: Herder, 1967.

ROBERTS, C, H. **Two Biblical papyri** in the John. Manchester, Oxford: Rylands library, 1936.

RUDOLPH, Kurt. **Gnosis: The Nature and History of Gnosticism**. Translation edited by Robert McLachlan Wilson. New York: Harper Collins Publishers, 1987. ·

SANTO AGOSTINHO. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. Tradução de Jr. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTO AGOSTINHO. **A verdadeira religião**; O cuidado devido aos mortos. Tradução de Jr. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

SAN AGUSTÍN, San. **Obras completas**. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/spagnolo/index.htm>> Acesso em: 07 ago. 2015.

SCHOLER, David M. **Nag Hammadi Bibliography 1995-2006**. Leiden-Boston: Brill, 2009.

SCOTT, Walter. **The Ancient Greek and Latin Writings Which Contain Religious or Philosophic Teachings Ascribed to Hermes Trismegistus**. Boston: Shambhala, 1993.

STROUMSA, Guy. **Hidden Wisdom: Esoteric Traditions and the Roots of Cristian Mysticism**. Leiden-Boston, 2005. (Studies in the History of Religions Vol. 70).

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**: uma teoria do cristianismo primitivo. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.

THOMASSEN, Einar; Oort, Johannes van. **The Panarion of Epiphanius of Salamis**. Translated by Frank Williams. (Nag Hammadi and Manichaean Studies, vol. 63). Leiden-Boston: Brill, 2009.

TREGELLES, Samuel Prideaux. **Canon Muratorianus**: the earliest catalogue of the books of the New Testament. Oxford: Clarendon Press, 1867.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Plotino**: um estudo das Enéadas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 39.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia**: volume 1: problemas de fronteira. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

WACHTEL, Klaus; HOLMES Michael W. **The Textual History of the Greek New Testament**: Changing Views in Contemporary Research. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2011.

WASHINGTON, Peter. **O Babuíno de Madame Blavatsky**. Tradução de Antônio Machado. Rio de Janeiro: Record, 2000.

YAMAUCHI, Edwin M. **Pre-Christian Gnosticism**: A Survey of the Proposed Evidences. 2. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1983.

YARNOLD, Edward. **Cyril of Jerusalem**. London and New York: Routledge, 2000.